

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, JANEIRO DE 1939

ANNO VIII

N.º 4

ESCREVEM NESTE NUMERO :

ALVARO SUNDFELD — ANTONIO GIRÃO BARROSO
ARTUR RAMOS — AURELIO GOMES DE OLIVEIRA
DEOLINDO TAVARES — DONATELLO GRIECO
ELIZABETH HANLY DANFORTH — IVANNY RIBEIRO
JAYME SISNANDO — JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES
OCTAVIO DE FREITAS JUNIOR — RAYMUNDO MORAES
RUY DE CARVALHO — WISON RODRIGUES

NESTE NUMERO :

Secções de
Cinema, Musica
Theatro e
Artes Plasticas
—
Correspondencia de
LISBOA E PARIS



NESTE NUMERO :

"A NOIVA"
Conto de
HUMBERTO DE CAMPOS
—
"POPULISMO"
Pagina inédita de
LUC DURTAÏN

PREÇO PARA TODO O BRASIL : 2\$000



ACABA DE APPARECER
O NOVO VOLUME DE VERSOS DE
EDGARD LIGER-BELAIR:

FABLES

Apólogos do folk-lore brasileiro postos em versos francezes por um eminente poeta laureado pela Academia Franceza.

Edição Profusamente Ilustrada por Luiz Sá



BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Netto

SECRETARIO:

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simples 18\$000
Registrada 28\$000

EXTERIOR

Simples 22\$000
Registrada 24\$000

Numero avulso 2\$000
Numero atrasado 3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo Dtrimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE AIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINALS

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

Na França — Sra. Picard-Loewy — Paris

Em Portugal — Sr. Osorio de Oliveira — Lisbôa

No Rio Grande do Sul — Sr. Paulo Arinos — P. Alegre

Em S. Paulo — Dr. Wladimir Malheiros — S. Paulo

Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar — Bello Horizonte

Em Pernambuco — Dr. Aderbal Jurema — Recife

Na Bahia — Dr. Aydano Couto Ferraz — Bahia

Em Alagôas — Dr. Raul Lima — Maceió

Na Parahyba do Norte — Dr. Adhemar Vidal — João Pessoa

No Ceará — Sr. Affonso Banhos — Fortaleza

No Pará — Dr. Gastão Vieira — Belém

No Amazonas — Dr. Araujo Lima — Manáos.

Direcção, Redacção e Publicidade:

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua Senador Dantas, 40-5.º

Tel. 22-1406

End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO - BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO
"BOLETIM DE ARIEL"

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20% sobre os preços dos livros editados por «Ariel, Editora Ltda.», quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo «EDIÇÕES ARIEL», na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

«BOLETIM DE ARIEL» ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEM, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.
para que seja remettida uma assignatura annual de Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Córte estecoupon e envie a ARIEL,
— Rua Senador Dantas, 40-5.º — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.



BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

O JAPIIM E O JABOTÍ

(Historia sylvestre do tempo em que animaes e plantas falavam na Amazonia)

O Japiim, que amanhecera jovial e sarcástico aos primeiros raios de sol dessa aurora de Setembro, fôra logo em busca de larvas de insectos para os filhinhos, nascidos na vespera. Os dois nenês, quando o avistaram com aquelas guloseimas, choravam e riam de contentes. Enquanto o Japiim alimentava os recém-nascidos, a esposa fôra dar umas voltas, espaiar de tantos dias presa ao aquecimento dos ovos na postura. Não demorou estava de volta, papinho cheio, prompta de novo a vigilancia dos pequenitos.

O marido arribou num vôo planado e longo. Foi ás nuvens, desceu, enfiou-se na matta. Ahi sentara numa arvore em que dois papagaios comiam e conversavam. Discorriam sobre o Jaboti, louvando-lhe a prudencia, a sabedoria, e, principalmente, a memoria. Sensato, sabia tudo, lembrava-se de tudo. Além disso, seu espirito philosophico, num rythmo alheio a paixões, ennobrecia-se nos conselhos aos demais. Sempre que os poderosos faziam justiça elle os aclamava, pondo á margem o espirito politico, afeito a denegrir os responsaveis em qualquer sector da vida. Si era invariavelmente pelos humildes, não o deixava de ser pelos fortes, quando estes mereciam. Dahi o seu renome como pensador desassombrado, capaz de dizer as verdades, desagradassem a gregos ou a troyanos.

Si porventura um pau qualquer lhe cahia na carapaça, retendo-o annos e annos, esperava que esse pau apodrecesse até se desvincilhar, e ia, mal lograva a liberdade, como si nada lhe houvesse acontecido. Só guardava receio duma arvore: o taperebazeiro, pois este quando tomba, quebrado pelo raio ou lascado pela tempestade, enraisa outra vez, gréla e médra com a mesma pompa virente da madeira de onde fôra arrancado. Por isso evitava comer o fruto do taperebá nas horas em que os coriscos e os trovões, aos lampejos electricos, quebrassem os galhos da arvore.

Os papagaios, porém, nessa expressiva loquela, iam contando, iam narrando, iam commentando as inconstrastaveis características do Jaboti, sobretudo as

moraes. Nunca semelhantes aves, irrequietas e parlapatans, estiveram, no julgamento do Japiim, tão psychologas. Este, por seu turno, em geral bohêmio, anecdotico, sem grandes pendores para os casos abstractos e metaphysicos, incapaz de prestar sentido a qualquer acontecimento sério, no physico e na alma de alguém, escutava pela primeira vez tudo aquillo muito impressionado, estranhando mesmo que houvesse entre animaes um que possuísse taes virtudes.

Escutou ainda um bocado e alçou vôo rumo de casa. Ia pensando, no mais intimo dos soliloquios, a respeito da natureza excepcional daquelle cascudo. Aquillo era obra da mãe dos bichos, por isso elle respeitava muito esta divindade. Fazia fêras, não havia duvida, fazia cobras, fazia lagartas de fogo; em compensação fazia tambem aquella joia chelonica.

Eis, no entanto, que se lhe depara, numa clareira da selva grande Jaboti, desses chamados Carumbés. Frechou para o philosopho, que logo recolheu as pernas e o pescoço, ficando invulneravel a qualquer sortida inimiga. Como o Japiim se aproximasse, já andando sobre folhas seccas, o Jaboti arregalou os olhinhos de contas amarellas a ver o que pretendia o passaro. Assim que este chegou junto deu-se a conhecer e contou o que ouvira ha pouco dos papagaios. Por isso, insistiu, desejava authenticar as referencias. O chelonio, sempre retrahido na blinda cornéa do cascudo, não tugia nem mugia, parecendo alheio ao interlocutor. Seguro morreu de velho. Os anarchistas se revestem de todas as formas... Não fosse prali, aquella ave, alguma bomba... Até que o Japiim, irritado com aquelle mutismo, interrogou:

— Sabes, por acaso, eminente pensador, alguma cousa a meu respeito que eu ignore?

O Jaboti, botando a cabeça fóra da carapaça, respondeu:

— Sei muitas, pois não. Desta vez, porém, só destaco duas. Tu não tens encontrado no teu ninho, uma vez por outra, um filho totalmente preto, diferente dos demais, negros e amarellos?

— Tenho, volveu o alado. Por signal que eu e minha mulher julgamos que o caso provenha de mau geito, dalguma doença, ou dum motivo qualquer deficiente no organismo e que não dá para colorir de ouro as pennas da criança.

— Não, não é, retrucou o Jaboti.

— Como assim? Volveu a ave já com certo brilho de curiosidade nas pupillas.

— E' porque não são teus filhos, e sim da irauna, que bota os ovos em ninhos alheios. E não é porque semelhante ave seja madraça ou preguiçosa, mas sim devido á impossibilidade biologica de chocar, visto como, entre um e outro ovo que põe, o espaço é demais largo para a eclosão em conjuncto. Dahi recorrer ella ao ardil de fazel-o chocar por outrem.

— Eis a razão, volveu já sereno o Japiim, de não se vêr mais esses filhos pretos depois de criados. Somem-se. Volvem para a familia. E qual seria a segunda novidade a que alludiste?

— E' que tu, Japiim, arremedando todos os bichos, desde a saracura até a maria-já-é-dia, desde o macaco até o jacamim, desde o queixada até a anta, desde o carachué até o irapurú, deixas de arremedar o tangurupará. O motivo é claro. Receias o bico vermelho desse passaro porque o julgas tinto em sangue. Entretanto elle é inoffensivo. O encarnado vivo do bico é fixo e sem razões de tragedias...

O Japiim, aturdido ante os conhecimentos que ouvira, despediu-se do cascudo e foi contar tudo á mulher. Esta quiz logo ir ouvir o Jaboti. O marido oppôz-se.

— Depois, quando os bebés já voarem, voce vai.

A esposa, entretanto, muito desconfiada com alguma pirataria do marido, ficara nervosa. Quem sabia lá se não era com a propria autorização do companheiro que as amantes vinham botar os filhos adulterinos alli, tendo ella, ainda por castigo, o trabalho de crial-os. Choramngava tudo isto em meias palavras de hysticismo. O Japiim abriu bem os olhos, espantado da ciumenta rajada, facto virgem na sua vida, e perguntou:

— Mas que é isso? Voce está desconfiando, porventura, do seu marido?

— Como não, respondeu a pobresita. Um dia destes nossa vizinha Pipira me disse que voce andava aos beijos e aos abraços com a semvergonha da sahi, aquella azul e assanhada, que não pode ver calça sem ficar vesga e sassariqueira. Reparando no aviso, observei que voce tinha o pescoço todo beliscado...

— Ah! que aleive! Isso foi dentada de caba. Entrei numa igreja afim de trazer umas larvazinhas para voce e as cabas quasi me matam.

A esposa do passaro fez um muchocho descrente e accrescentou:

— Quem não te conhecer, meu marido, que te compre. Hei de saber de tudo com o Jaboti...

RAYMUNDO MORAES

Henri de Lanteuil — *Tupan* — Rio.

Os bellos versos francezes do illustre professor Henri de Lanteuil encontraram, em nosso distincto patricio Modesto de Abreu, um traductor que foi ao mesmo tempo um collaborador precioso. Ambos competem em destreza no manejo dos rythmos, de modo a honrar dois idiomas em que sempre resoaram as mais lindas melodias poeticas.

Lucia Miguel Pereira — *Amanhecer* — Livraria José Olympio — Rio.

Este romance destróe, por assim dizer, todas as tentativas de romance com que a autora se nos apresentara anteriormente. Seus primeiros trabalhos de ficção, sem duvida estimaveis, não valiam as produções criticas da sra. Lucia Miguel Pereira e especialmente o seu magnifico ensaio consagrado a Machado de Assis. Mas agora verificamos, e com prazer, o prazer de quem não ama de modo algum tripudiar sobre o talento alheio, que a escriptora patricia é tambem romancista. E' mesmo provavel que, dentro em breve, tenhamos nella a mais alta representante do genero no Brasil. Quasi nenhuma hesitação de observadora, de estylista, persiste nas paginas do *Amanhecer*. As personagens ahi vivem, entre o real do mundo e a fina idealização da prosadora. Os ambientes tecem-se com uma harmonia que é, a um tempo, sonho de poeta e angustiado soffrimento humano. Quando se pensa ir pelo vulgar, pela estrada de todos, eis que nos aturde, no momento em que menos o esperamos, a aventura que transforma uma existencia toda. *Amanhecer* dá-nos a certeza de que ha, na sra. Lucia Miguel Pereira, um grande destino litterario.

Henrique Pongetti e Joracy Camargo — *Theatro da Creança* — Livraria José Olympio — Rio.

Os autores deste livro, notaveis homens de theatro, são igualmente desenvoltos narradores de historias destinadas aos garotos. Nada lhes faltava, portanto, para escreverem de collaboração o attraente volume de agora. As pequenas comedias infantis aqui reunidas parecem-nos das mais engenhosas e tanto poderão representar-se nas escolas, clubes e associações como nas casas de familia. Abrem o livro explicações muito claras no tocante aos scenarios e aos vestuarios a serem utilizados pelos pequenos actores. As illustrações, bastante movimentadas, trazem a assignatura do desenhista Alceu.

Homem Christo — *Notas da minha vida e do meu tempo* — Guimarães & C. — Lisboa.

Por intermedio da Livraria H. Antunes, sempre solicita na divulgação dos bons livros portuguezes, recebemos seis volumes das memorias do sr. Homem Christo. Ninguem ignora tratar-se de um dos mais fogosos pamphletarios do nosso idioma. Grande conhecedor da historia dos povos, o jornalista de Aveiro encontra no passado da Europa, que a cada instante recorda, fecundos ensinamentos para a hora presente. Episodios e figuras evocados por elle como que estão a sangrar da vida vehemente que o memorialista lhes empresta. Tambem nos foram gentilmente offerecidos pela mesma casa o *Glossario* do sr. Agostinho de Campos, onde nos são dadas de modo ameno valiosas lições de vernaculidade; o *Tartarin de Tarascon* de Alphonse Daudet, em traducção que não desfigura a graça do delicioso original francez; o *Rescaldo da Guerra*, um dos melhores livros do sr. Brito Camacho, obra de um velho politico que sabe, quando necessario, falar de maneira desembugada e altiva sobre aquillo que viu e ouviu. Valha-nos o ensejo para lembrar que a livraria em causa tem lançado muitos trabalhos de escriptores brasileiros, como sejam os srs. Sylvio Julio, brilhante especialista em estudos ibero-americanos, e o nosso redactor-chefe Agrippino Grieco.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

F I L I A E S :

Rua Libero Badaró n. 292
São Paulo

Rua Rio de Janeiro, 655
Bello Horizonte

JORNALISMO E LITTERATURA

(DO DISCURSO DE RECEPÇÃO NA ACADEMIA DE LETTRAS)

Quando Victor Vianna foi investido nesta dignidade academica, no discurso de agradecimento que então vos dirigiu, modestamente proclamou receber tamanha honra a beneficio de inventario, convencido de que a mesma dirigia precipuamente, á profissão do jornalista. «Sou aqui», dizia o illustre sociologo, «antes de tudo, representante da minha profissão principal, e honrado de occupar uma cadeira cujo patrono foi jornalista, como jornalistas foram o seu fundador e o grande poeta a quem me coube succeder». Sociologo, economista, critico de arte e de litteratura, tecnico da administração publica, tudo isso era somenos para Victor Viana, que soltava toda essa rica plumagem, comtanto que lhe ficassem as plumas de jornalista.

Asseverava o meu preclaro antecessor que o jornalismo é um genero litterario, accrescentando não ser possivel separar o escriptor que labuta na imprensa, do jornalista que publica livros. Aos literatos e jornalistas, Victor Viana assignalava missão commum, a mais alta, a mais nobre nas sociedades modernas: — a defesa da liberdade de pensamento. Pois como instrumento da livre expressão do pensamento, é que o livro e o jornal differem irreductivelmente. Quanto mais substancioso fôr um livro, como alimento do espirito, mais será virtualha de conserva. O jornal, pelo contrario, — perdoae-me a audacia da expressão, é carne verde, substancia proteica, de facil e rapida assimilação. O melhor é uma reserva de idéas guardadas em paginas de bronze. Justamente quado o livro se aproxima da bella e perfeita expressão da verdade, é que é mais duravel, com maior profundez de humano. O jornal, por

maior que seja o seu orgulho, o que menos pretende é ser integralmente justo e veraz. As paginas de um jornal desfolham-se numa ligeira manhã. São o repositorio do orvalho tremeluzente da novidade, um ligeiro perfume, realidades compostas subtilmente de efeitos de luz — reduzindo-se, no mais das vezes, a um ponto de vista cambiante e passageiro.

O litterato põe thesouros de ternura na vestimenta de suas idéas. O vocabulo sorri, chora, vibra, afrouxa, dilue-se; o autor descobre-lhe relações sonoras e symbolicas com o mysterio da Creação, nos seus aspectos multiformes. A paleta do poeta encerra a multidão polychromatica dos vocabulos. Victor Hugo enthesourava palavras como o usurario accumula moedas cantantes e lucidas. Suas descripções mais poderosamente evocativas fizeram-se com a abundancia das technolias profissionaes: nos «Trabalhadores do Mar», a narrativa do naufragio de «La Durande» é composta de termos nauticos, pesquisados nos manuaes de apparelho dos navios.

Dir-se ha que os poetas procuram na abundancia do vocabulario o sortimento de sonoridades de que carecem o rythmo e a rima da sua arte. Mas a verdade é que a meticolosa pontualidade da expressão persegue o homem que se manifesta ao publico, falando ou escrevendo. Melhor ainda. A propriedade da linguagem é o principal instrumento da clareza do raciocinio, faz parte das profissões, e impõe-se até aos que na mais baixa camada da sociedade precisam de explicar, fixar, distinguir o mais ligeiro facto da natureza relativo ás preoccupações de seu estado. Um sabio suéco que na região do Panamá observou longamente a tribu dos Cunas refere que no seu vocabulario selvagem figuram nada menos de quatorze verbos para exprimir os quatorze movimentos de cabeça do caimão! Não póde haver maior escrupulo na exactidão da linguagem!

Qual o jornalista que perde o seu tempo, se preocupa, se emprega, se arruina, nessa exhibição meticolosamente exacta da representação litteraria dos factos que escreve? Para fazer o seu jornal vivo e crepitante, bastam-lhe a clareza e a graça, a ajuda do bom gosto natural — a elegancia do «currente calamo». Nem ha tempo para mais. Não. O jornalismo não é um genero litterario. O jornalismo é uma função politica. A expressão «politica» nos veio do grego e corresponde em vernaculo á «ethica do Estado» ou por outra: a philosophia moral do governo dos Estados. Ora, tudo no jornalismo moderno corresponde superiormente á ordenação moral e espirital da sociedade. O simples noticiario de policia — apparenemente o primeiro gráu da profissão jornalística — põe no seu tecido as paixões, os interesses, as alegrias, os soffrimentos, as duvidas e as illusões da existencia individual e collectiva diariamente exemplificados, ostentando-se como um ensinamento eloquente, filho do conhecimento e da pratica.

Os jornaes são os cinco sentidos das agglomerações humanas. Constituem a atmosphaera commum

OBRAS

- DE -

MATHEUS DE ALBUQUERQUE

(Novas edições uniformes em papel vergé)

ANNOS DE APRENDIZAGEM

I SENSACÕES E REFLEXÕES . . . 8\$000

TRILOGIA DE AMOROSAS

I DORA (ou o desejo de amar) . . . 7\$000

II MARGARA (a que o amor salvou) 8\$000

III NAIR (a que o amor perdeu) . . 8\$000

MUSA TACITA

I A JUVENTUDE DE ANSELMO TORRES 8\$000

PEDIDOS A

Rua Senador Dantas, 40-5°

RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — 1.º and.
Rio de Janeiro

em que vibram as intelligencias de um povo, formam a contiguidade das opiniões, estabelecem as formulas, uniformisam os conceitos, assim accessiveis a todas as bitolas mentaes. No jornal, o mais humilde, o mais modesto signal typographico tem sua significação eminente social, e portanto politica.

Meus senhores, correu muita agua por baixo das pontes desde a noite da recepção de Victor Vianna neste egregio cenaculo. O eminente polygrapho falava com a tristeza de quem previsse a proxima derrocada da Ordem em que formou o seu bello espirito e em que viveu descançado e pacifico. Os tempos tocavam o fim. A terceira decada do seculo viu os nuncios da irremediavel transformação: e a quarta em que vamos consummou o sacrificio da mais bella, harmoniosa e feliz civilização que a humanidade concebeu no planeta.

«Jornalismo e litteratura» observava o vosso recipiendario de 10 de Agosto de 1935, «têm o dever de cooperar na defesa da liberdade de pensamento». Já um philosopho allemão, annos antes, annunciava os perigos do «politismo», isto é, da absorpção da pessoa moral e physica dos humanos, no Estado. O tempo de Victor Vianna tinha passado. Feliz o sociologo perempto, que não assistiu ao enterro de suas doutrinas.

Quando a minha geração abriu os olhos á vida intellectual tinhamos como certo que a perspectiva no tempo era indispensavel ás conclusões da philosophia da historia. Erro singular. Hoje, passados vinte e cinco ou trinta annos, vêmos que a historia decorre nos nossos dias: completa os seus cyclos vertiginosamente, debaixo das nossas vistas. As instituições se atropelam. Os estados sociaes se succedem tumultuariamente.

Relembremos o brevissimo transito da imprensa livre. Nasceu em 30 de Maio de 1631 o jornal de Theophraste Renaudot, contemporaneo da Academia Franceza, tambem amparado pelo braço poderoso do grande genio politico, o Cardeal de Richelieu. «*La Gazette*» teve um precursor em Veneza «*Fogli Avvizi*», cujos exemplares se vendiam pela moeda da Republica dos Doges chamada «*gazetta*», e dahi lhe veio o nome. Comtudo a notoriedade da folha volante de Renaudot valeu-lhe a consagração da prioridade, como aconteceu aos irmãos Montgolfier em relação ao nosso Bartholomeu de Gusmão, que os precedeu na invenção dos balões.

Se o anno de 1631 viu nascer o primeiro jornal impresso, que foi o germen da imprensa moderna, não viu por certo nascer o jornalismo livre. Das revoluções liberaes é que irrompe a imprensa livre. Desappareceram a consura, os registos, as cauções, as declarações de responsaveis. Mas as luzes dessa madrugada de liberdade duraram pouco. Em França só a III Republica, com a lei de 1881, firma a liberdade de imprensa.

O character utilitario e conservador da imprensa ingleza assegurou-lhe vida mais tranquilla. O «*Times*», o «*Morning Post*» e o «*Morning Advertiser*» atravessaram incolumes o seculo XIX, suas guerras, suas revoluções, mudanças de regimes e de instituições politicas e sociaes. A Inglaterra altera a substancia de suas instituições, dentro de apparencias inalteraveis.

Conta-se que um dos jornalistas da companhia de Northcliffe, descendo no elevador da *Carmelite House*, em companhia do famoso açambarcador de jornaes londrinos, saudou insistentemente, tirando o chapéo, o rapaz de serviço no ascensor. Northcliffe não se conteve que não observasse o mau gosto daquella singular exhibição. Não era propicio á disciplina da casa, que os jornalistas brincassem com os pequenos empregados. Explicou-se então o interlocutor do patrão, dizendo: — Brincar! *Good heavens!* Não estou brincando, estou preparando o futuro. Quem sabe se o servente de hoje não será amanhã o redactor-chefe do «*Daily Mail*»?

Esse episodio é o ponto que encerra o cyclo da imprensa de opinião, iniciando o da imprensa de informação. A breve evolução veio da «*Lanterna*» de Rochefort ao *manager* londrino, que não organizou suas empresas (obra de seu irmão, lord Rothermere) nem escreveu os seus artigos (serviço que se attribue a Kennedy Jones). Eis ahi a distancia que vae do genio politico á capacidade industriosa. E a imprensa, que foi na segunda metade do seculo XIX a voz essencialmente politica, o grande orgão da opinião democratica; o ambiente espiritual em que respiravam as instituições politicas adequadas a esse tempo — transformou-se, no seculo em que vamos, num dos seus mais graves problemas sociaes, pois que o capital com suas irresponsabilidades moraes, a industria com seus multiplos tentaculos, e a finança com sua tendencia internacional, se apoderaram do instrumento da intelligencia na formação da opinião publica para applical-o no interesse de seus negocios, a ganhar dinheiro.

Mas o nosso illustre antecessor não foi do tempo dessas conclusões melancolicas, e por isso logo nos primeiros periodos do seu discurso de recepção, insistiu na profissão de fé de um systema de idéas definitivamente extinto: «Jornalismo e litteratura exercem a mesma acção necessaria; e neste momento grave da historia têm o dever de cooperar na defesa da liberdade de pensamento»!

A liberdade de pensamento, isto é, a liberdade de exprimir uma opinião é um conceito cuja substancia se fórma na cultura e civilização de um povo, mas cujas normas politicas e juridicas dependem das instituições do Estado.

A Constituição em vigor, no seu artigo 122, assegura aos brasileiros e estrangeiros o direito á liberdade, á segurança individual e á propriedade. Em o numero de 15 declara: «Todo o cidadão tem o direito de manifestar o seu pensamento oralmente, por escripto, impresso ou por imagens, mediante as condições e nos limites prescriptos em lei». Evidentemente trata-se de um direito garantido, não de uma licença arbitraria. Mas a letra *a* desse dispositivo admite na normalidade constitucional a censura previa da imprensa, com o fim de garantir a paz, a ordem e a tranquillidade publica. Quem é o juiz dessa finalidade? O governo, quer dizer: o Estado Policial. A Constituição manda que a imprensa se regule por lei especial, e logo no frontespicio dessa lei affirma que «exerce uma função publica». Ora, ahi não se trata do exercicio de funções administrativas, por agentes do Poder Publico. A «função publica» a

que se refere o dispositivo constitucional prende-se á nova concepção dos deveres do Estado na garantia activa dos direitos individuaes. No tempo de Victor Vianna a finalidade da associação politica era a conservação dos direitos naturaes e imprescriptiveis do homem. As taboas em que se inscreviam taes direitos, desde as famosas declarações Norte-americana e da Revolução Franceza, davam corpo juridico aos atributos politicos do homem livre, vivendo numa comunidade civilizada. Depois de Victor Vianna surgiu o Estado, entidade regida, a qual tomou a si realizar na lavoura dos deveres collectivos a colheita dos direitos individuaes.

Surgiu o Estado moderno substituiu, como facto real, a nação que se definiu como phenomeno sentimental, incapaz de se manifestar nos problemas quotidianos que tratam da vida, do trabalho, da paz, da liberdade e da felicidade popular. Esse Estado titanico affirmou desde logo a igualdade democratica, quer dizer: a igualdade do ponto de partida — dahi em diante os homens se distinguindo e merecendo, na proporção dos serviços prestados ao proprio Estado.

A Constituição da Polonia de 1935, uma das matrizes da Constituição outorgada ao Brasil de 1937, tambem assegura a liberdade de consciencia, de palavra e de associação, mas nos limites determinados pelo interesse publico. Essa Constituição prevê uma legislação especial á imprensa, o que póde ser um methodo de lhe assegurar a verdadeira liberdade, que é condicionada pela ordem legal.

Ora, meus senhores, toda essa controversia gira em torno da proposição do Estado como entidade inhumana, emanção da mais imperiosa necessidade material, condensada nas realidades vigentes. O Estado, assim considerado, é o arbitro dos interesses particulares segundo as exigencias do interesse colectivo. Sua função é imanente e eterna. Seus objectivos alagam-se indefinidamente através do horizonte limitado das gerações e projectam-se na perennidade nacional.

Entre Victor Vianna e seu successor — estamos vendo — quebramos uma esquina da historia da civilização. Mas os povos nessas eventualidades — e o facto não é novo ao espirito humano — não fazem a conversão simultanea e unanimemente em passo de parada, como os antigos regimentos da Guarda Imperial Allemã evoluíam a passo de ganso, em Potsdam. Os povos submettem-se ás novidades dos tempos, seguindo suas contingencias, necessidades e conveniencias. Adaptam-se ás determinantes da existencia material que é afinal o receptaculo das aspirações do espirito. Não basta que as reformas surjam no caminho das nações. A grande questão que é o verdadeiro elemento de todos os problemas politicos, é a viabilidade ou a inviabilidade, a oportunidade ou a inoportunidade da adopção das novidades.

Meus senhores, a quem cabe discernir o viavel do inviavel no destino dos povos? As leis talhadas em mortalias acompanham a decomposição do corpo; não glorificam o espirito. Não é a lei, não são os regimes e instituições que adivinham e constróem

a sorte das nações. Esse papel historico tem sido através dos tempos disputado pela mais nobre fórma da intelligencia humana, e sua sombra funesta: a primeira é a politica; a segunda é a demagogia.

A civilização actual suscitou nova modalidade de demagogia: a dos technicos. A omnisciencia da technica é a ultima superstição da sciencia. A especialização é a compartimentação do cerebro, é o encerramento das idéas em cellulas estanques, limitando a intelligencia ao seu objecto directo e invariavel. Ora, a politica é a adivinhação, a improvisação, o sentido do geral, o gosto do passional, e por tudo isso o contrario da disciplina do espirito, cuja absorvente applicação leva aos pincaros da sciencia. O tecnico é, pois, a negação do politico; o politico floresce na praça publica, o tecnico se isola no Laboratorio. Mas a civilização da machina havia de suggerir o seu grande instrumento que é a technica, como capaz da habilidade universal de resolver os problemas de governo das sociedades humanas; e por isso apresentou o tecnico como o substituto do politico. Se na realidade não se deu a substituição impossivel comtudo ficou o equivoco do sujeito e sua sombra, da realidade e sua projecção obscura, que é ao mesmo tempo uma negação e um absurdo.

Ora, ninguem póde applicar as medidas da logica aos monumentos da politica, que se talham na alma e na carne dos povos. Realizar é um verbo impreciso no tempo. Póde ser um equivoco que se desmanche numa palavra; póde ser a muralha de Salomão desafiando os seculos.

O facto é que estamos na época de transformações exigidas por sobresaltos tremendos das sociedades humanas. Muitas estruturas mal se constróem, desabam logo fragorosamente. Algumas das grandes pedras da edificação social e politica que presenciamos sahirão do chaos aparente, tomarão figura comprehensivel e nos dirão o segredo de seus fins. A revolução que lavra no mundo é um *simum* revolvendo as areias do deserto. Tudo parece uma convulsão do materialismo scientifico, da luta dos egoismos de classe, da furia implacavel de dominação. Mas á porta do deserto está a esphinge. Quando a interrogarem na linguagem que desvenda os mysterios da Creação, talvez surja nos horizontes do mundo a manhã radiosa da paz nos espiritos.

Vêde bem, meus senhores: a paz nos espiritos é o fim dos fins.

O meu antecessor legou-nos, eminentes confrades, o encargo de defender no espirito a liberdade de pensamento. No temporal sua herança foi de igual quilate classico: bons orçamentos, bôas finanças!

JOSE' CARLOS DE MACEDO SOARES

Frei Antonio do Sacramento — *Ventura do homem predestinado e desgraça do homem precito* — Editora Vozes de Petropolis.

Boa idéa a de reeditar, em agradavel apresentação typographica, esta obra edificante de frei Antonio do Sacramento. Os ensinamentos de moral aqui contidos merecem o apreço de quantos estimam a religião e as bellas lettras. São verdades catholicas explicadas sempre com a mais absoluta pureza de expressão classica.

A CÔRTE DE PORTUGAL NO BRASIL

O recente livro do Sr. Luiz Norton sobre *A Côte de Portugal no Brasil* segue as conclusões dos historiadores portugueses quanto á interpretação das causas da vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, quando da invasão do Reino pelas forças do Exercito da Gironda commandadas por Andoche Junot.

Affirma o Sr. Norton que a transferencia da Côte, em 1807, foi «voluntaria», sendo o «resultado intelligente de um plano preconcebido: o unico meio de fazer subsistir a monarchia portuguesa; a unica solução impeditiva do seu fatal desaparecimento».

O embarque da Família Real «fôra previsto com antecedencia de muitos annos e reflectido em todas as suas consequencias».

Accrescenta o Sr. Norton que qualquer demonstração em contrario terá sido levada ao erro pela atmospheria de «panico liberativo» em que occorreu aquelle embarque.

A partida de D. João não se teria dado, assim, de um momento para outro — não foi fruto de uma idéa pensada, imaginada, estudada e executada num abrir e fechar d'olhos. Não. Já de ha longos annos pensariam os Portuguezes nessa transferencia, tendo sido pioneiros dessa idéa Martim Affonso de Souza, junto a D. João III e o Padre Antonio Vieira, junto a D. João IV.

D. Luiz da Cunha, intercedendo junto a D. José, no mesmo sentido, lembrara ao monarcha:

«... não pode el-rei manter Portugal sem o Brasil, emquanto que para manter o Brasil não carece de Portugal: melhor é pois residir onde está a força é abundancia, do que onde é a necessidade e a falta de segurança (1)».

Tambem o Marquez de Alorna, escrevendo ao Principe Regente (futuro D. João VI), em 30 de Maio de 1801, em carta conservada no Archivo Nacional do Rio de Janeiro, observara ao filho de D. Maria I:

«... mas se formos vencidos, sempre podemos cobrir a retirada de V.A.R. e então V.A.R. parte com toda a sua Família para os seus Estados do Brasil, e a Nação Portuguesa sempre ficará sendo Nação Portuguesa, porque ainda que estas cinco Provincias padeçam algum tempo, debaixo do jugo estrangeiro, V.A.R. poderá criar tal poder que lhe

será facil resgatal-as, mandando aqui um soccorro, que junto com o Amor Nacional as liberte de todo».

Em 1803, comtudo, Sylvestre Pinheiro Ferreira (2), também partidario da mudança para o Brasil, tentará, com muita diplomacia, mostrar «que á lusitana monarchia nenhum outro recurso restava, senão o de procurar quanto antes nas suas colonias um asylo contra a hydra então nascente, que jurava a inteira destruição das antigas dynastias da Europa».

Ora, essa idéa de Sylvestre Pinheiro Ferreira «passou naquelle tempo por effeito de um panico terror, filho de noviça e acanhada politica»...

Documentos bem interessantes, no caso, são transcriptos ainda pelo Sr. Norton — como a communicação da Chancellaria portuguesa, em 7 de Setembro de 1807, a D. Domingos Antonio de Souza Coutinho, Ministro de Portugal em Londres, em torno da resolução de D. João de apromptar a esquadra para «o caso de ser urgente a sua retirada e da Real Família», na alternativa angustiosa: se Portugal fosse objecto de uma conquista ou então se, sob pretexto de amizade, quizessem seus inimigos «introduzir tropas no paiz para guarnecer as costas».

Como fruto dêsse officio firmou-se, então, em Londres, poucos dias depois (a 22 de Outubro), a Convenção Secreta entre o Principe Regente e D. Jorge III, sobre a mudança para o Brasil da séde da monarchia portuguesa.

Mas é o proprio Sr. Norton — que repelle a hypothese do «panico liberativo» — quem affirma que o Governo portuguez — orientado por um ministro francophilo, D. Antonio de Araujo, defensor da neutralidade, «mal informado» pelo Embaixador em Paris, D. Lourenço de Lima — «tinha tergiversado até o fim».

Que se pode entender por isso? Que, na Monarchia portuguesa, os ouvidos continuavam moucos as recommendações de transferencia para o Brasil que vinham sendo feitas desde os tempos de Martim Affonso e Antonio Vieira.

O decreto de 26 de Novembro de 1807, em que o Principe D. João VI explica as razões de sua vinda para o Brasil, fala una linguagem clara que não pode senão reforçar o nosso ponto de vista:

«Tendo procurado por todos os meios possiveis conservar a Neutralidade, de que até agora têm gozado os meus fieis e Amados Vassallos: e apesar de ter exaurido o meu Real Erário, e de todos os meus sacrificios a que me tenho sujeito ao excesso de fechar os Portos dos Meus Reinos aos Vassallos do Meu Antigo e Leal Alliado o Rei da Grã-Bretanha, expondo o commercio dos Meus Vassallos a total ruina, e a soffrer por este motivo grave prejuizo nos rendimentos de Minha Corôa: vejo que pelo interior do Meu Reino marcham tropas do Imperador dos Francezes e Rei da Italia, a quem Eu me havia unido no Continente, na persuasão de não ser mais inquietado; e que as mesmas se dirigem a esta Capital. E querendo Eu evitar as funestas consequencias que podem seguir de uma defesa, que seria mais nociva que proveitosa, servindo só de derramar san-

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance da creança

gue em prejuizo da humanidade, e capaz de accender mais a dissensão de umas Tropas, que tem transitado por este Reino, com o annuncio e promessa de não commetterem a maior hostilidade; conhecendo igualmente que ellas se dirigem mui particularmente contra a Minha Real Pessoa e que os Meus Vassallos Leaes serão menos inquietados, ausentando-Me Eu deste Reino: Tenho resolvido, em beneficio dos Meus Vassallos, passar com a Rainha Minha Senhora e Mãe e com toda a Real Familia para os Estados Unidos da America, e estabelecer-Me na cidade do Rio de Janeiro, até a Paz geral...»

Nada mais claro: o Regente preferira fechar os Portos aos inglezes, preferira expôr o commercio portuguez a total ruina, preferira soffrer prejuizos graves em seus rendimentos — a esposar logo as idéas de Martim Affonso, de Vieira e de todos os demais conselheiros.

Por que razão? E' que a idéa de mudança da Côrte para o Brasil continuava sendo filha de «nova e acanhada politica»... E' que o Brasil não interessava como Brasil e sim como possivel refugio no momento do panico e do «não ha outro remedio».

Quando se lembrou D. João do Brasil? Quando viu a sua Real Pessoa estava em perigo. Só então se recordou de que havia um Brasil onde se poderia asylar com a maior segurança.

Isso é mudança voluntaria? Será êsse o «resultado intelligente de um plano preconcebido»?

Se Junot não tivesse invadido as terras de Portugal a Côrte navegaria da mesma maneira para o Brasil?

A transferencia da Côrte, pregada através de varias décadas e até de alguns seculos, continuaria a adiar-se indefinidamente, se a «furia napoleônica» não se tivesse feito sentir nas terras do Reino.

Evidente, nada ha, nessa mudança, de interesse, pelo Brasil. Até então, isto por aqui sempre andara meio as cegas, sempre vegetara á sombra da mais cruel indifferença metropolitana...

O que o Brasil ganhou com a permanencia, aqui, da Côrte de D. João VI deve, em primeira instancia, a El-Rei Junot e, no fundo, a Napoleão.

Planos de mudança para o Brasil, havia muitos, isso ninguem poderá negar. Mas quem affirmará com absoluta certeza que esses planos, em épocas normaes, seriam executados como programma administrativo e como idéa central de governo?

Se acaso, amanhã, por quaiquer motivo imperioso, que impeça qualquer resistência, fôr o Brasil obrigado a mudar sua capital para Goyaz, poderá alguém concluir que essa mudança obedeceu apenas as indicações de um velho plano já existente?

Não. A Côrte de Portugal não se transportou para o Brasil voluntariamente. O plano não estava «preconcebido», a idéa não foi realizada depois de amadurecida — e o tropel desordenado da fuga mostrará sempre o aspecto do «panico liberativo» que alguns historiadores lusos negam.

Armou-se, de sopetão, ás tontas, o «prestito funebre» de que fala Oliveira Martins. «Quem resistiria ao destino armado? Quem faria face a Napoleão,

cujo exercito atravessara a Hespanha e pisava já o solo portuguez? Não seria o principe-regente, nem a rainha doida, nem as altas classes ensandecidas, nem o povo faminto, indifferente, sebastianista (3)...»

O Brasil deve a Napoleão a mudança da Côrte para o Rio de Janeiro; e á mudança da Côrte deve o Brasil uma série importantissima de beneficios, de melhoramentos, de fontes de progresso para as suas reservas nacionaes.

Junot precipitou a «rota batida» dos navios dos Braganças; no Brasil, estadistas eminentes sopraram bellas idéas nos ouvidos do Regente — e o paiz, até então abandonado, entregue á propria sorte, munuiu-se de forças novas, de novas energias, e começou a avançar a passos largos pela estrada de rapida evolução que culminaria na independencia.

A nossa convicção cresce com as deducções que fizemos no exame dos documentos apresentados no excellente livro do Sr. Luiz Norton, e não sabemos como pensar, com imparcialidade total, de outra maneira.

DONATELLO GRIECO.

(1) — Luiz Norton, op. cit., pag. 19.

(2) — Vide «Revista do Instituto Historico», Tomo XLVII, 1a. Parte, pag. 11.

(3) — Oliveira Martins, «Historia de Portugal», 1882. Tomo II, pag. 230.

Affonso de Carvalho — *Caxias* — Rio.

Percorrer este livro do sr. Affonso de Carvalho é formar um juizo que ainda importa em maior glorificação do grande guerreiro do Imperio, do grande guerreiro do Brasil. Caxias, biographado agora por um talentoso militar da Republica, apresenta-se em lineamentos dos mais puros, mostrando-se não só um grande conductor de soldados, um mestre de tactica e estrategia, como tambem um perfeito estadista, desses que vão á guerra para suffocal-a o mais cedo possivel e obter assim a construcção de longos periodos de paz.

Aurelio Porto — *Farrapiada* — Rio.

Notavel historiador da vida do Rio Grande do Sul, o sr. Aurelio Porto é tambem poeta, preferindo as tonalidades épicas sempre que se propõe a tratar das glorias dos seus avoengos. *Farrapiada*, premiada em concurso, reflecte bem o entusiasmo, a exaltação do autor deante de um passado gaúcho que já se vae tornando lendario nas tradições de um povo incapaz de recuar deante de adversarios provocadores.

Irineu Pinheiro — *O Jouveiro do Padre Cicero* — Edição Pongetti — Rio.

Nitidamente desenhada, apparece-nos aqui a figura de um dos homens mais discutidos do Brasil: o padre Cicero Romão Baptista. O retrato que delle traçou o sr. Irineu Pinheiro, se evitou exuberancias de colorista da palavra, é sempre seguro de toque e concluido com uma firmeza de quem sabe descobrir a alma do modelo debaixo das linhas illusorias da face. Assim de passagem, devemos recordar que os irmãos Pongetti, editores deste livro, vêm tambem de lançar o *José Bonifacio* do sr. Venancio Neiva Filho, uma nobre apologia do grande paulista elogiado por Latino Coelho, e a traducção do *Romain Rolland* de Stefan Zweig, uma das obras primas do émulo de Ludwig & Maurois.

Serafim Silva Neto — *Fontes do latim vulgar* — Editora ABC — Rio.

Grande foi o prazer com que percorremos este livro e a nossa admiração augmentou quando nos affirmaram tratar-se de autor com menos de vinte annos de idade. Como? Assim tão joven e com essa cultura humanistica, esse dominio da antiguidade classica, essa comprehensão dos mais difficeis problemas de linguagem? Desenvolva-se o sr. Serafim na proporção do que apresenta á hora da estréa e será sem dúvida um dos nossos mestres futuros.

A UNICA

O teu retrato repousa entre duas columnas partidas
illuminado pela luz de todos os poentes.

Aos teus pés correm rios de todas as côres.

Todos os mares veem desemboccar nas tuas fontes.

Os teus cabellos prenderam os marujos incautos nos
[mares de sargaços.

Solta-os!

As tuas mãos podem resuscitar as cidades adormeci-
[das no fundo do mar.

Desperta-as!

Os teus dedos podem arrancar as flores de crystal
[de rocha

que brotaram sobre os tumulos dos poetas que dor-
[mem nas areias do mar.

Arranca essas flôres para que nasçam novos rythmos!

Um simples gesto das tuas mãos pode destruir ilhas
[que não estão nos mappas,

ilhas somente conhecidas pelos poetas.

Permaneçe immovel!

A um olhar teu,

a Ilha Formosa enfeiou-se.

Não olhes!

Com um sopro podes alevantar os piratas afogados
no mar.

Sopra!

Sibilaram espadas nas ruas da grande cidade submersa.

O sangue dos innocentes lavou columnas partidas

e os frisos dos porticos dos templos pagãos adquiri-
[ram tonalidades espantosas.

Baixa essas espadas!

O teu retrato é o causador de conflictos internacio-
[naes.

Resolve esses conflictos para que não haja novas
[guerras.

A tua voz faz voltar á memoria dos velhos lobos
[do mar

as canções de ha muito esquecidas.

Conta novamente essas historias e serás bemdita pelas
[velhas avós

que já não se lembram mais dos homens enforcados
[em altos mastros,

de arcas repletas de ouro,

de carcassas humanas seccando nas areias das ilhas
[do Pacifico.

O teu perfume que o vento levou para todos os
[recantos da terra

desviou os navios em cruzeiro pelo Mediterraneo.

Recolhe esses ventos,

ensina o caminho certo

porque não ha mais logar no cemiterio do mar
para os recém-chegados!

Montanhas de gelo caminharão em direção de veleiros.

Detem essas montanhas!

Desde épocas remotas, corpos humanos conservados
[nos ice-bergs

esperam o teu abraço que lhes trará nova vida.

Abraça esses corpos gelados!

Não continues immovel entre duas columnas partidas
contemplando a destruição das cidades opulentas.

Se olhares para traz,

não será transformada em estatua de sal,

mas ficarás esteril por toda a eternidade.

Não olhes!

Contempla os que dormem serenos,

os que se entregaram ao poeta,

os que tudo esperam de ti.

Se vivesses,

se não permanecesses immovel e silenciosa como as
[duas columnas partidas

que são o teu sustentaculo,

grandes montanhas não seriam derrubadas,

não ouvirias os gritos e os gemidos dos que esperam
[teu unico gesto.

Se não despertas,

serás maldicta durante sete gerações!

Os teus cabellos se transformarão em serpentes hor-
[rendas,

o teu corpo será um unico verme,

as tuas mãos se transformarão em garras aduncas,

o teu figado será comido pelos abutres,

a tua cabeça será o alicerce de uma penitenciaria,
ouvirás eternamente os rugidos dos que pedem ar
[e luz,

os teus seios serão comidos pelos crocodilos.

Quem poderá despertar a que repousa a sombra de
[duas columnas partidas?

Quem poderá dar vida a que trará socego para o
[mundo?

Quem poderá despertar a que pode fazer o poeta
[dormir illimitadamente?

DEOLINDO CAVARES

Acaba de apparecer :

MINHA VIDA

de ISADORA DUNCAN

2.^a Edição — Traducção de Gastão Cruis

Livraria José Olympio Editora

D. Martins de Oliveira — *Caboclo d'Agua* — Schmidt Edi-
tor — Rio

A leitura da attraente narração do sr. D. Martins de Oliveira prova não ter havido engano da parte dos que lhe auspiciaram um bello futuro no dominio das lettras. No volume de agora as qualidades desse escriptor surgem robustecidas e ampliadas. E' um indiscutivel enriquecimento no que diz respeito á technica da paizagem, á colheita de typos, á verdade humana do dialogo. Outro livro que ennobrece uma carreira de historiador é o *Corpo e alma do passado* do sr. Gastão Penalva. Depois de adestrar-se na chronica dos jornaes, o entusiasta de Ouro Preto e do Aleijadinho offerece-nos trabalho de polpa, dos que definem e honram um espirito.

NINA RODRIGUES E A PSYCHOLOGIA DAS MULTIDÕES BRASILEIRAS

Nina Rodrigues não foi apenas o grande professor de Medicina Legal e o fundador de uma Escola Scientifica, a Escola Bahiana, cujo renome chegou até os nossos dias.

Foi muito mais do que isso. O seu espirito, de uma permanente insatisfação scientifica, dilatou-se em pesquisas e observações de um enorme raio de acção. Por iniciativa do meu eminente mestre e amigo, professor Afranio Peixoto foram reeditados varios trabalhos de Nina Rodrigues, que jaziam em primeiras edições ignoradas ou dormiam um somno de muitos annos em pastas intocaveis, pelo sopro da superstição. O publico leitor no Brasil já travou conhecimento com algumas obras fundamentaes de Nina Rodrigues, como *Os Africanos no Brasil*, ponto de partida indispensavel aos estudos de psychologia social do Negro brasileiro, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, *O alienado no direito civil brasileiro*. Na *Bibliotheca de Divulgação Scientifica*, consegui reeditar *O Animismo fetichista dos Negros Bahianos*. E no emtanto, isso é apenas uma pequenina parte da enorme bibliographia do mestre bahiano. Toda a sua obra medico legal, criminologica e psiquiatrica está a exigir uma reedição definitiva que será para breve.

O nosso esforço de agora consiste em mostrar uma face das actividades de Nina Rodrigues, ainda desconhecida dos leitores brasileiros.

Nina Rodrigues, já apontado como o iniciador dos estudos de ethnographia e psychologia social do Negro, no Brasil, já conhecido como estudioso de nossos problemas de raça e de cultura, aclamado como uma das autoridades em criminologia e sciencia penal... talvez não fosse lembrado, pela nossa pobre sciencia nacional, tão esquecida dos precusores, como um dos pioneiros do movimento da psychologia collectiva.

No emtanto, o seu nome fôra apontado pelos estudiosos europeus, como um dos fundadores da psychologia das multidões, um dos creadores da psychologia gregaria, normal e pathologica, ao lado dos Rossi, dos Sighele, dos Tarde, dos Le Bon, dos A. Marie... Na historia das epidemias religiosas, o seu nome é citado obrigatoria, pois foi elle um dos primeiros a realizar observações e commentarios scientificos sobre phenomenos brasileiros de psychopathologia gregaria, trazendo assim contribuições fundamentaes á sciencia em elaboração pelos theoreticos europeus.

As paginas dos *Annales médico-psychologiques*, de Paris, dos *Archives d'Anthropologie Criminelle*, de Lyão, do *Archivio de Psichiatria, scienze penali ed antropologia criminale*, de Turim, e de outros periodicos scientificos nacionaes e estrangeiros, acolheram os seus estudos sobre varios aspectos da psychopathologia gregaria no Brasil. Lá se encontram as memórias celebres sobre Antonio Conselheiro e o phenomeno de Canudos, sobre as epidemias de astasia-abasia no Maranhão e na Bahia, as loucuras religiosas, domesticas como as de Taubaté, ou as mais extensas como as de Pedra Bonita, sobre as associações criminaes e o caso historico de Diocleciano Martyr e Marcellino Bispo...

De todos esses estudos, alguns publicados e outros em elaboração, contava Nina Rodrigues preparar uma obra de conjuncto, a que daria o titulo de *As collectividades anormaes*.

Em mais de uma oportunidade fez Nina Rodrigues referencia a esse projecto (1). E nas suas pastas do Instituto Nina Rodrigues, fui encontrar, em nota manuscripta, o rascunho do plano definitivo da obra que estava assim dividida:

1.^a parte — *As loucuras epidemicas*

- Cap. I — A loucura das turbas
- Cap. II — As epidemias de loucura religiosa de Canudos e Pedra Bonita.

2.^a parte — *As associações criminaes no Brasil*

- Cap. I — A anormalidade dos criminosos: o atavismo na degeneração criminosa. Os assassinos mutiladores.
- Cap. II — O crime a dois: Marcellino Bispo e Diocleciano Martyr.
- Cap. III — As quadrilhas brasileiras; sua feição barbara e medieval.
- Cap. IV — As associações criminosas urbanas.

ACÁBA DE APPARECER :

de EDGARD LIGER-BELAIR

FABLES

Apologos brasileiros postos em versos francezes por um grande poeta laureado pela Academia Franceza.

Numerosas illustrações a côres de Luiz Sá

Edição Ariel

Volume cartonado: 15\$000

Não foi possível encontrar, porém, os manuscritos da obra assim planejada. Creio, mesmo, que o mestre não teve o tempo de elaborá-los de acordo com o plano traçado, como aconteceu com os seus trabalhos sobre o Negro, que deixou mesmo publicados, embora sem ser em edições definitivas.

Sabe-se, mesmo, e Homero Pires o declarou no prefácio de *Os Africanos no Brasil* que havia uma espécie de edição clandestina de *O Problema da Raça Negra*, constituída dos cadernos quasi completos, impressos por uma livraria da Bahia, faltando apenas algumas paginas que puderam ser facilmente recompostas. *O Animismo fetichista dos Negros Bahianos* fôra também publicado na integra, na antiga *Revista Brasileira*, e depois editado em francez, na Bahia; meu trabalho consistiu apenas em realizar o cotejo das duas publicações, completando assim, o pensamento de Nina Rodrigues.

Com *As collectividades anormaes*, porém, a coisa muda de figura. Por mais que pesquisasse, não encontrei nenhuma edição esquecida, nenhum manuscrito sequer esboçado.

Pensei então, que pudesse reconstituir o plano do livro, reunindo todas as publicações de Nina Rodrigues sobre assumptos que forçosamente estariam incluídos no objectivo da obra. E ahí as difficuldades foram immensas. Os trabalhos publicados, constando de notas, memorias, artigos, estavam esparsos em varias publicações nacionaes e estrangeiras, de fins do seculo passado, de datas differentes, e que não puderam ser reunidas no espolio scientifico do mestre bahiano. Este espolio, suas notas e trabalhos, os seus manuscritos, a sua bibliotheca... se distribuíram numa espécie de testamento singular. Grande parte, a maioria deste material está hoje no Instituto Nina Rodrigues, da Bahia, onde pode ser consultado. Outra parte, porém, anda distribuída por varios amigos e discipulos do mestre bahiano, que a conservam e zelam com carinho de um exclusivismo, perfeitamente comprehensível.

Tive que percorrer todo esse caminho; consultar as notas de Nina Rodrigues, no seu Instituto; folhear velhas revistas, já exgottadas e de difficilima consulta, e copiar antigos trabalhos esquecidos; dirigir-me a amigos dedicados e discipulos de Nina Rodrigues á busca de material porventura existente... E creio que poderei apresentar agora, nesse trabalho de ex-humação e recomposição, «As collectividades anormaes».

A primeira parte do plano de Nina Rodrigues está completa; lá se acham os trabalhos sobre Canudos e Pedra Bonita e ainda accrescentados de sua memoria sobre a epidemia de astasia-abasia. Quando á segunda parte, infelizmente só pode ser reconstituído o capitulo sobre o crime a dois; no entanto, o restante de seu plano sobre o atavismo na degeneração criminosa e as quadrilhas brasileiras, se acha implicitamente abordado nos capitulos sobre Lucas da Feira e o capitulo, infelizmente inaceitavel hoje, sobre a degenerescencia da mestiçagem. Nada pode ser encontrado sobre as associações criminosas urbanas.

Decorridos tantos annos dos primeiros trabalhos de Nina Rodrigues sobre a psychologia das multi-

dões, o thema tomou um desenvolvimento vertiginoso. Sahido do movimento da *Völkerpsychologie* de Lazarus, Steinthal e Wundt, de um lado, e das escolas franceza e italiana da *psychologia collectiva* (Sighele, Rossi, Le Bon, Tarde...) do outro lado, foi-se creando uma sciencia mais vasta, parallela á sociologia e á psychologia, que tomou o nome de *Psychologia Social*. Vindos directamente de Gabriel Tarde, inglezes e norte-americanos davam um corpo de doutrina á nova disciplina. Ross e Baldwin, na America do Norte, William McDougall, na Inglaterra, foram os pioneiros dessa sciencia da psychologia social, que hoje conta no seu activo, um numero apreciavel de cultores (2).

Dentro em pouco, a *psychologia collectiva* seria apenas uma parte, uma divisão da *psychologia social*, disciplina esta ultima, bem mais vasta e mais complexa, que estudaria: a) as bases psicologicas do comportamento humano; b) a inter-acção mental dos individuos na vida social; c) os grupos socio-culturaes, a personalidade dentro do seu grupo de sociedade e de cultura:

A *psychologia collectiva* ou das multidões estudaria apenas a multidão considerada nos seus caracteres irreductiveis, isto é, os individuos reunidos em contacto face a face, e guiados por um *meneur*. No curso que professei no periodo 1935-1937, na Universidade do Districto Federal, inaugurando entre nós a cadeira de *Psychologia Social*, iniciei os alumnos a fazer a distincção indispensavel entre *psychologia collectiva* e *psychologia social*, aquella se incluindo nesta, entre multidões e publico, *meneur* e leader, etc. Do material de estudo que constitue o objecto da *psychologia social*, publiquei um volume, resultado das aulas do anno lectivo de 1935. A *psychologia collectiva*, estudando o comportamento das multidões, indagando dos phenomenos de *psychopathologia gregaria*, analysando a personalidade do *meneur*, classificando as formas de multidões e estudando-lhe as manifestações clinicas... comportaria todo um parallelo ao da *psychologia social*, que realizei no anno de 1937, até quando a ultima reforma

Acaba de apparecer em Edição ARIEL

um novo livro de

GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

(CONTOS)

com o seguinte sumario:

Contas brabas — Mãe d'Agua — Arrependimento
Meu sosia — Carta de outro naipe — A patativa
Circuito da Gavea — Iniciação — O espelho
Do outro lado — Fauna exotica — Fim de viagem

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RUA DO OUVIDOR, 94

RIO

da Universidade do Districto resolveu supprimir a cadeira de Psychologia Social, dos curriculos daquela Universidade. O programa de psychologia collectiva tinha ficado assim organizado:

- I — A psychologia collectiva ou das multidões, parte da Psychologia social. Objecto, relações.
- II — A psychologia ethnica, a psychologia racial, a demo-psychologia.
- III — Conceito de multidão. Multidão e publico.
- IV — A psychologia collectiva e a escola italiana: Sighele, Rossi, etc.
- V — A escola franceza: Tarde e a inter-psychologia. Le Bon e a psychologia das multidões.
- VI — Theorias do comportamento colectivo: organicistas, anthropologista e psychologos.
- VII — Os processos psychologicos da multidão.
- VIII — Classificação das multidões.
- IX — Multidões mysticas, politicas, guerreiras, etc.
- X — Greves e revoluções. A multidão revolucionaria.
- XI — A multidão delinquente.
- XII — A multidão morbida: as epidemias psychicas.
- XIII — A loucura induzida; o contagio mental; as loucuras familiares.
- XIV — Convulsionarios e demonopathas medievaes.
- XV — «Crazes» e «fads».
- XVI — *Leaders* e *meneurs*. Classificação dos *meneurs*.
- XVII — A psychologia das multidões no Brasil.
- XVIII — Multidões criminosas. O banditismo no Nordeste. Jangunços e cangaceiros.
- XIX — Psychologia dos *meneurs* criminosos: Antonio Silvino, Lampeão, etc.
- XX — Multidões mysticas no Brasil: Canudos, Joazeiro, Pedra Bonita, Contestado...
- XXI — Beatos e fanaticos — Antonio Conselheiro, Santa dos Coqueiros, Beato Lourenço, etc.
- XXII — Estudos de Nina Rodrigues e Euclides da Cunha.
- XXIII — Curandeiros e mysticos urbanos no Brasil. O papel da imprensa. «Crazes» e «fads» contemporaneos no Brasil.
- XXIV — Multidões revolucionarias. Psychologia das revoluções no Brasil.
- XXV — A psychologia das multidões no romance brasileiro.

Transcrevo aqui este programma, que foi desenvolvido no anno de 1937, para mostrar o desenvolvimento que tomou em nossos dias o estudo da psychologia collectiva. A tarefa que teriamos de emprender hoje será muito maior do que no tempo de Nina Rodrigues. Não só na exposição theorica como nas applicações praticas. Como estamos distanciados das theorias e polemicas dos tempos de Sighele e Le Bon! Novos methodos de pesquisa, novas hypotheses de trabalho vieram enriquecer a psychologia collectiva. Theorias psycho-sociologicas contemporaneas, desde o comportamentismo até a psychanalyse e a *Gestalt* (principalmente a topo-psychologia de Kurt Lewin) vieram trazer luzes inesperadas á comprehensão do phenomeno da multidão e do *meneur*.

De outro lado, temos um campo immenso de observação para a psychologia collectiva, na historia

social brasileira. Impõe-se um trabalho de conjuncto sobre os phenomenos nacionaes da psycho-pathologia gregaria, desde os factos historicos de psychoses epidemicas até os actuaes de psychologia das multidões criminosas e mysticas dos sertões brasileiros, dos phenomenos de flagrante recenticidade, de sectarismo politico com seus *meneurs* predestinados, os seus messias copiados de modelos contemporaneos, novos Dicclecianos Martyr e Marcellino Bispo, material opulento de observação e registo scientifico.

O que Nina Rodrigues apenas iniciou comporta hoje largos volumes de observação e exegese. A nossa modesta tentativa na Universidade do Districto não foi infelizmente comprehendida, sendo suppressa uma possibilidade de reconhecimento official de estudos desta natureza. Restam as iniciativas privadas. E é uma destas que intentamos com a publicação de velhas paginas esquecidas de Nina Rodrigues, reunidas neste volume.

ARTHUR RAMOS

(Excepto da Introducção ao livro de Nina Rodrigues, *As Collectividades Anormaes*, vol. 19 da *Bibliotheca de Divulgação Scientifica*, no prélo).

- (1) — Vide, p-ex. nota 1 do trabalho «O Regicida Marcellino Bispo», publicado na Revista Brasileira, 1889, pag. 21, onde se lê: «Extrahido de um livro em via de preparo, intitulado — *As Collectividades Anormaes*».
- (2) — Vide, para uma exposição do assumpto: Arthur Ramos, *Introdução á Psychologia Social*, Rio 1936.

Ovidio Chaves — *Uma janella aberta...* — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Teve razão o sr. Athos Damasceno Ferreira ao descobrir na voz do sr. Ovidio Chaves «o accento lyrico que aturde os proprietarios da cultura mas se communica com a sensibilidade da gente que, afinal de contas, não deseja nem quer mais nada senão a musica generosa que aproxima e acalenta.» *Uma janella aberta...*, esse tecido de reminiscencias de um homem que ainda nos sabe falar lindamente da infancia e da lua, ficará em nossa estante ao lado dos livros de Paulo Corrêa Lopes e Sergio de Gouvêa.

Raymundo Moraes — *O Homem do Pacoval* — Comp. Melhoramentos de S. Paulo.

Não esmorece a actividade do nosso querido Raymundo de Moraes. Esse grande trabalhador da intelligencia, que o *Boletim de Ariel* se ufana de contar entre os seus mais fulgurantes collaboradores, dá-nos agora *O Homem do Pacoval*, naquelle estylo em que arte e sciencia se confundem, em que se aprende tanta coisa de ethnographia e linguistica sem um momento de tedio, sem se sahir nunca da melhor litteratura. Outra oferta preciosa da Companhia Melhoramentos de S. Paulo aos leitores é o volume *Jesus Christo e os philosophos*, de P. Cantera. Em que luz de poesia se alteia nessas paginas a figura do Salvador, e isto sem prejuizo de uma rigorosa verdade historica! A muita cultura, a immensa cultura não impede o autor de ser dar magnificamente nos dominios da Fé. Um bello livro para catholicos e não catholicos.

Menotti del Picchia — *Kummunká* — Livraria José Olympio — Rio.

Titulo rebarbativo arranjou para este seu romance brasileiro o grande poeta Menotti del Picchia, tão fertil em versos que são melodias purissimas. Mas não se preocupem com esse nome aspero e corram o livro para sentir que, num tal autor, existem sempre, coexistem sempre pensamento e emoção. Menotti, depois de tactear um pouco, encontrou afinal a estrada larga do romance. Vae-se ao fim de *Kummunká* como quem participa das aventuras narradas, perscrutando todos os subentendidos do romancista, descobrindo na ficção o muito de vida real que ahi insinuou o sociologo.

Edição Ariel:

SEM RUMO

Novella gaúcha de CYRO MARTINS

EM TODAS AS LIVRARIAS

Agrippino Grieco e o Movimento Modernista

Quando surgiu em S. Paulo o movimento modernista, que teve como seu maior vulto Mario de Andrade, Graça Aranha, ao Rio, desligou-se da Academia e acompanhou o movimento paulista. A reacção iniciada nos dois maiores centros culturais do paiz, S. Paulo e Rio, irradiou-se immediatamente para todos os sectores da intellectualidade brasileiro, reflectindo-se profundamente no proprio seio da nossa Academia de Letras.

Para dizer de sua influencia na vida da nação, seria indispensavel analysar o rythmo novo que imprimiu á nossa litteratura e mais os trabalhos de Guilherme de Almeida, Plinio Salgado, Mario e Oswaldo de Andrade, Menotti del Picchia, Graça Aranha, Antonio de Alcantara Machado, Ronald de Carvalho, os dois ultimos prematuramente desaparecidos do scenario onde se processava a consolidação do movimento modernista.

Delles todos, exceptuando Graça Aranha e, talvez Plinio Salgado, o maior foi Agrippino Grieco que apoiou no principio o movimento e o acompanhou mais tarde.

Discipulo de Rivarol e de Chamfort, tendo como Voltaire a mesma liberdade de principios, a mesma franqueza de attitudes e a mesma fascinação da phrase de espirito, Agrippino é entre nós o d'Artagnan do epigramma, descobrindo aqui o grotesco, ali o ridiculo, enquanto de sua pena jorram a belleza e o sarcasmo com o impeto de um bolido.

Cultivando a pilheria elegante e praticando o «humour» subtil, sua critica é mordaz, agudamente irônica, chegando por vezes a levar o criticado ao supremo pinaculo da desventura litteraria: o ridiculo.

Rebella-se contra os que «doremifasolando» uma discutivel gloria passada, vegetam na Academia e ficam «honoris causa», consagrados para o resto da sua inutilidade creadora. Reveste-se o autor de *Estatuas Mutiladas* de uma sensibilidade de cismographo para revelar as banalidades de expressão, as chatices e as tiradas accacias de nossos pensadores.

Ninguem como elle, é dotado dessa apprehensividade extraordinaria, dessa profundidade psycho-

logica que Brunetièrre, em historia, denominou o «faro da verdade», para descobrir numa linha unica, o escriptor de valor, a scintilla do talento, ou o escrevinhador burquez de phrases feitas.

Todavia, não seria elle o critico á americana, que analysa a obra sem ignorar o homem como elemento indistincto que são, se não pautasse o seu julgamento por uma honestidade serena e imparcial. Falamos até aqui, do homem que os neóphytos das letras temem, daquelle que se lhes afigura eternamente munido de uma ferula impiedosa e mordaz.

Mas, Agrippino se mostra como o critico integral quando fala de um Pompeia, de um Euclides ou de um Castro Alves.

No seu estudo sobre o poeta das *Vozes d'Africa*, parece que sua prosa se subtiliza e se apura numa

admiração que flue numa ininterrupta preamar emotiva.

E' Castro Alves que passa com sua musa nacionalista, reflectindo com a sua pompa verbal toda a orgia tumultuaria da belleza dos tropicos; é o sentido social de sua poesia, o seu coração bonissimo, a sua elevada formação moral, a sua vida tão curta e tão intensa e a sua gloria em plena adolescencia, tuberculoso e mutilado, quando «mais que um poeta, é a propria poesia».

Falando sobre Pompéia foi o estylista neuropatha do *Atheneu*, cuja perfeição residiu toda ella na anormalidade superior dos neuronios desequilibrados. Eterno insatisfeito, torturado pela «neurose da angustia», na expressão de um moderno psychologo, dotado de uma vulnerabilidade doentia e exquisita, elle é o impressionista commovido da lingua, simples, humano, lapidamente encerrado naquellas palavras de Grieco.

A evocação de Euclides do «gnostico bronco» d'*Os Sertões*, do aguafortista tumultoso do jagunço, do homem rude do sertão, «do colorista barbaro que bracejava na luz e mettia em suas tintas pedaços de metal coruscante», tem uma extraordinaria belleza de linguagem e de imaginação. A sua penna eleva o sociologo doloroso e tragico de nossa historia, elevando-se tambem a si proprio.

Homem de seu tempo, é Agrippino a mais alta expressão da critica nacional no momento.

ALVARO SUNDFELD

Collecções encadernadas do

BOLETIM DE ARIEL

Com um indice de
artigos e citações

Temos á venda collecções
de todos os annos

PREÇO VOLUME DO
ENCADERNADO 40\$000

Octavio Tarquinio de Souza — *Rubáiyát* — Livraria José Olympio — Rio.

A terceira edição das quadras persas de Omar Kháyyám, na encantadora adaptação portugueza do sr. Octavio Tarquinio de Souza, patenteia que a parte fidalga dos nossos leitores, os que realmente unem gosto e cultura, não se fatigou ainda de admirar a philosophia e os rythmos daquelle tecedor de visões do Oriente. Tambem dignas de interesse a transplantação poetica do *Cantico dos Canticos* de Salomão, devida ao sr. Augusto Frederico Schmidt, que a precede de uma substanciosa introdução critica, e a versão do *Jardim das Caricias*, de Franz Toussaint, que encontrou na sra. Adalgisa Nery uma interprete de extrema subtileza, em condições de fornecer-nos o equivalente dos sonhos e das locas adencias dos arabes transviados em terras de Hespanha.

DOIS POETAS

Um phenomeno interessante é a vida de certas phrases. Aparecem, não se sabe de onde, vivem, se fortalecem, e viram até medalhão também. «Todo brasileiro é um poeta» é dessas phrases que nascem e se perpetuem. E não se reparou ainda como é falsa e restricta. Poetas são todos os homens. Poeta é a vida. E' a humanidade inteira.

O que todos não são é interpretes. Estes são raros e preciosos. Jorge de Lima e Murilo Mendes estão neste caso. São dois interpretes da poesia da Vida. Dos raros e preciosos.

Aparecem agora, no meio de tantos livros de guerra, de combate, de reivindicações, de justificativas e appellos, com duas grandes obras. E aparecem como aquelles homens que amanhecem com um genio novo e vigoroso, de que nos fala Baudelaire, e que «gratifié de cette béatitude se sent a la fois plus artiste et plus juste, plus noble, pour dire tout en un mot.» (Le goût de l'infini — C. B.)

Jorge de Lima é uma força viva, dinamica, re-tumbante. Murilo Mendes é o mystico atormentado, que grita dentro da gente, numa luta maravilhosa traçada por elle melhor do que ninguem, entre elle e seu duplo. Este duplo que

«sonha de dia e age durante a noite
«mancha todas as coisas innocentes que vê e toca
e
«destróe com um sopro
«o trabalho formidavel que eu tenho de diminuir o
peccado original».

Jorge de Lima é o artista fecundo e sereno. Murilo Mendes é a agitação constante desta luta. Jorge de Lima é um receptor maravilhoso da symphonia universal. Para elle, como para Wilde, o artista pode exprimir tudo, porque tudo é bello.

E' um encyclopedista da belleza, do sentimento poetico. E' daquelles que Wilde chamaria de culto, porque «encontram significados nas coisas bellas». E' um artista que sabe sentir, um amante da belleza capaz de murmurar como Baudelaire, este outro grande artista:

*Que tu viennes du ciel ou de l'enfer, qu'importe
O Beauté! monstre énorme, effrayant, ingenu!
Si ton oeil, ton sourire, ton pied m'ouvrent la porte
D'un Infini que j'aime et n'ai jamais connu?
De Satan ou de Dieu, qu'importe? Ange ou Sirene,
Qu'importe, si tu rends, fée aux yeux de velours,
Rythme, parfum, lueur, ô mon unique reine.
L'univers moins hideux et les instants moins lourds?»
(Hymne à la Beauté)*

A poesia de Jorge de Lima é um milagre de renovação. De *Negra Fulô* aos poemas de a *Tunica Inconsútil*, que differença de forma! Porém que unidade de essencia! Jorge de Lima despreza a forma com que apresenta a sua poesia. No mesmo poema salta dum parnasianismo dos mais puros, para a intensidade

dum trecho supra-realista. E' o poeta da essencia das coisas. Que não vê tudo através da Arte, mas vê a Arte através de tudo. E é sobretudo um poeta humano.

Murilo Mendes é um poeta do sentimento. E' a propria poesia que reside nelle, que vem d'elle, se expandindo, forçando sua penna, escrevendo por elle. E' um poeta do interior. Motivo da arte que Jorge de Lima encontra na essencia das coisas, reside dentro da alma de Murilo Mendes. E elle a vê e se inspira nella.

De sua intimidade, de sua tristeza e sua dôr, tira como Dostoiewsky inspiraões para sua poesia. *A Poesia em Panico* não é uma libertação do seu psychismo como poderia parecer. E' a sua poesia.

Nenhum dos seus poemas está isento desta intensidade dramatica do seu sêr. E' uma vida em luta e a poesia de sua luta.

A espinha dorsal de seu livro está no poema do seu «duplo». Tudo gyra em torno destes encontros, que lhes mostram Berenice, e que elle não quer ver.

O duplo não o deixa. Persegue-o. E dá-lhe este tom de revolta e comprehensão humana que o eleva acima de tudo. E' o material de sua arte, é a causa de sua poesia. E como Dostoiewsky ou Nietzsche deve amal-a muito. Pelo menos o nosso egoismo tremendo faz com que lhe sejamos agradecidos.

OCTAVIO DE FREITAS JUNIOR.

INTERCESSÃO

A Jorge de Lima

*Venho cansado das muitas léguas que eu andei,
das estradas poentes que eu trilhei,
da jadiga em que me esfalfei,
do mormaço e do sereno,
das noites tempestuosas que eu passei ao relento,
dos dias escaldantes que eu soffri
sem agua para matar a minha sede.
Não foi por prazer que me fiz peregrino
dos atalhos que conduzem a vós, Senhor;
as minhas roupas se fizeram andrajos,
as minhas sandálias se fizeram rotas,
a minha epiderme cobriu-se de uma crosta
de um millimetro de poeira, da poeira dos sete planos
que vos separam da Terra.
Venho pedir-vos a redempção dos homens
que brigam que nem cães,
das mulheres que traem os homens,
dos irmãos que matam os irmãos,
e dos filhos que matam os paes.
Não foi por prazer que deixei farrapos
da minha carne nas arestas do infinito.
Não foi por prazer que esmolambei as minhas vestes
nesta inglória caminhada.*

RUY DE CARVALHO

POPULISMO

(Discurso na Reunião dos Escriitores Populares)

Não é esta a primeira vez que tenho o prazer de ser dos vossos. Lembro-me de um almoço encantador, em qualquer lugar para as bandas de Belleville. As mesas eram estreitas, as cadeiras singularmente amontoadas umas de encontro ás outras, os pratos tinham esse sabor franco que só sentimos nos pequenos botequins e, por vezes, da cozinha contigua, chegavamos, com a passagem das creadas, um sopro de aroma culinario, largo como uma assignatura de Chefe de Estado.

Como essas horas foram finas, familiares, deliciosas! Permanecer entre um grupo de escriptores que repudiaram a gymnastica de gabinete, deante do espelho, para adoptar a caminhada ao ar livre, a grande viagem até a realidade humana e contemporanea.

E, nesses primeiros instantes de amizade que têm um perfume tão

delicado, gozava eu do prazer de descobrir — após a leitura desse admiravel *Noir et Or* e de *Galérie de ce temps* e de tantas outras obras — André Thérive em pessoa.

Sua eloquencia natural nuançada de sensibilidade e de malicia; a maneira a um tempo decidida e á força de escrupulo, quasi vacillante, por que elle observa os homens e as obras; a agilidade exemplar com que elle maneja as palavras, que são signaes tão arbitrarios quanto as notas de musica; sombras que se aproximam cada uma por sua vez, e desaparecem, e deixam o sentido apenas no estado de melodia.

André Thérive não é dos taes que fixam na arte este ou aquelle caracteristico presentemente superior e entendem de interrogar sobre esse thema os escriptores, como se estes fossem candidatos a qualquer

bacharelato. E' preciso procurar sempre em cada obra o ajustamento das suas perspectivas com as do horizonte e a concordancia secreta de sua architectura com as decisões instantaneas do gosto.

Hoje, como não saudar a presença de meu amigo Max Fischer? Num tempo em que está passageiramente na moda contrapôr o editor ao autor, como se se tratasse de duas raças inimigas, o autor dos solidos *Anneis da Cadeira*, director litterario das grandes edições que todos conhecem, não se limita á conciliação de um e de outro, mas os une em sua pessoa. E de que maneira equitativa e sorridente!

De bem longe, do Brasil, chegamos hoje o escriptor Renato Almeida, historiador da musica brasileira, ensaista penetrante e, podemos dizel-o, embaixador no Rio de Janeiro da cultura franceza.

O Brasil apaixonado de cosmico, a França apaixonada de razão, têm que se entreter no mais util dialogo. O primeiro sente a necessidade dessa ordem sem a qual a amplitude se desvaneceria na inconsistencia; elle e a segunda, numa providencia logica, que tende á universalidade, não marcam sobre o Atlantico um logar saudavel de encontro?

Madame Boucher-Normandet dá-nos a honra de representar aqui o Canadá. O Sr. H. W. Sandberg, as lettras da Hollanda, que tanta attenção merecem.

Senti-me feliz quando nosso amigo Raoul Stephan, a quem dirijo os meus agradecimentos, me convidou, de modo tão cordial, para ser dos vossos.

Na minha opinião, o nascimento e o crescimento sadio deste grupo «populista» vale por um dos mais significativos acontecimentos litterarios do nosso tempo.

São escriptores que se propõem nada mais nada menos que traduzir as paixões e os sonhos, as evoluções e as contradicções secretas dessas existencias quasi anonymas, que em cada paiz se contam por milhões.

Em que as vidas mais altas e mais celebres são mais complexas

JOSÉ LEÃO, IMAGINARIO DO ASSÚ

Esse José Leão, com as andorinhas, são as duas fortes impressões do Assú. E' o typo do Imaginario primitivo, sereno, resignado, incomprehendido, passando fome, trabalhando sem esperanza, sem ambiente, sem auxilio, sem estimulo, insensivel e obstinado, artista legitimo, com uma intuição de esculptura, um senso decorativo, um tino de moldar as physionomias que lembra a rudeza elegante e masculina de Memling.

José Leão mostra-me dezenas de santos, crucifixos, anjos, ovelhas mysticas. Não tem instrumentos. São pedaços de canivetes, troços de puas, restos de enxós, um formão quebrado, cacos de louça, pires bolorentos, quengas de côco, seus ferros e «godelets» para a pintura.

Longe de ter a monomania da belleza dos Santos moldados em gesso e feitos a machina, iguaes e bonitinhos, José Leão grava na umburana plastica rostos humanos, bem semelhantes ao typo humano, possiveis e naturaes. Ninguém lhe comprehende a maestria naquella intuição que lá fora o faria rico e aqui o mata á fome. Eu tive nas mãos uma Nossa Senhora do Perpetuo Socorro verdadeiramente maravilhosa. Um São José, um São João Baptista, que estão sem preço, pedem uma pagina de elogio pela firmeza incrível com que aquelle velho gravou os traços moraes na arvore que lhe deu nascimento e vestiu-os com uma precisão minuciosa e pictorica dum desenhista á Hérouard.

O «studio» é fumarento e frio. Andrajoso, triste, com uma melancolia superior e expontanea, o Imaginario recebeu-nos erguendo-se devagar duma rêde sem côr. Na mão havia um livro. Não era o *Flos Santorum*. Era a *Retirada da Laguna*. E creio que o symbolo é fiel. Aqui está elle fazendo sua retirada, sem roupa, sem pão, sem alliados, sem abrigo mas guardando todas as armas do trabalho, as forças da vontade e as bandeiras da fé. José Leão, trabalhador sem reclame, esculptor sem escola, artista sem nome, saúdo-te em nome dos que trabalham com alma e morrem sem gloria.

LUIZ DA CAMARA CASCUDO

que as vidas de qualquer transeunte, em que serão mais ricas de mysterios e mais carregadas de luctas?

A materia espiritual, se o ousa dizer — os gestos essenciaes do pensamento — não são os mesmos no homem da rua e no cimo das existencias memoraveis?

Se me permittis uma lembrança de minha segunda profissão (não tendes vós todos uma segunda profissão tão incommoda, mas ás vezes util, que vos liga aos factos?), quero dizer-vos que, qualquer que seja a raça a que pertençam, todos os homens têm dividido em quinze ramos sua arteria maxillar interna: a anatomia das diversas almas não varia menos que a dos corpos.

Out'ora, ao olhar dos historiarres, as idéas novas pareciam uma creação exclusiva dos individuos; os acontecimentos amplos, gestos de chefes. Temos hoje da historia uma concepção anonyma e esparsa. Não percebemos mais no fantasma do heroe senão um phenomeno de optica.

Um artista exprime-se á maneira de uma esponja. O que elle produz é «o ar do tempo». Elle dá a todos e deve a todos. Em tempos defendi esse ponto de vista, que não me parece diminuir a arte.

O grande artista, como o grande escriptor, é simplesmente aquella que, deante do publico, sabe transpôr todas as barreiras com suas palavras. E que nos traz elle? Nossa propria humanidade. Uma vida tão magnificamente pobre, rica e inquieta como a nossa. Porque nada ha de mais bello no mundo que um homem qualquer. Transmittir o «eu» a outrem? Transmissão delicada. Aqui — meu amigo Max Fischer não me desmentirá — o objectivo, o publico, a despeito da geometria, é tanto mais penoso de atingir quanto mais vasto é.

O artista não differe dos outros homens pelas dimensões da alma. Nem mais memoria, nem mais sensibilidade, nem mais imaginação que a media — ás vezes menos. Os maiores deixam entrevêr defeitos, de celebridade bastante baixa. Muitas causas podem embotar o poder natural dos sentidos e das visceras — nenhuma conseguiria aguçá-lo.

Contrariamente ao que imagina o publico, a hyperesthesia propriamente dita não existe: ha sómente

A FRANCIS JAMMES

Francis Jammes, ta barbe était pleine d'étoiles
Et to voyais glisser dans l'air silencieux
Des vaisseaux dont l'Amour avait gonflé les voiles
Et qui des mers montaient au mystère des cieux.

Avec fusil triste aux aurores lointaines,
Tu partais par les prés portant un deuil obscur;
Tu mangeais ton fromage et buvais aux fontaines,
Et ton cœur gémissait sous le trop bel azur.

La chaleur du Béran bourdonnait aux fougères,
Accablait la luzerne et dorait les épis;
Tu jouais d'une flûte étrange et les bergères
Se baignaient à la source au milieu des brebis.

D'un croc brusque ton chien mordait les grosses mouches;
Un frelon frissonnait au gouffre d'une fleur;
Tu rêvais d'une Antille en comptant tes cartouches
Et d'un climat torride ou brûler ta douleur.

Comme notre destin nous bouscule et nous presse!
A peine avons-nous vu que nous fermons les yeux.
Qu'ils ont vite passé les jours de la jeunesse
Dont les pleurs maintenant nous sont délicieux!

Soupirs, soupirs charmants de ton inquiétude,
Mais déjà vers l'azur tu levais les deux mains:
Le ciel avait peuplé ta sombre solitude
Et des anges riaient au bord de tes chemins.

Ce premier jour des Morts où je te pleure, Jammes,
Dans ce Paris obscur s'éclaira tristement
Au flambeau que tu fis de ces terrestres flammes
Qui dévoraient ton cœur plein d'un jeune tourment;

Et j'évoque les chiens, les lièvres, les abeilles,
Les poètes, les bois, les ruches et le miel,
Et la guêpe acharnée aux fruits dans les corbeilles,
Tandis que ton amour t'emporte au fond du ciel.

TRISTAN DÉRÈME

estados em que as sensações mais consistentes são acompanhadas de dôr, o que lhes dá mais relevo, mas não lhes dá mais discriminação. Ninguém poderia vêr, ouvir, respirar, digerir melhor do que correctamente. Não ha, para o corpo nada de melhor que o bem. O mesmo acontece com a alma. O pensamento mais alto talvez seja sómente uma idéa fiel e correcta.

O grande creador não vale mais, em nada de nada, que a testemunha anonyma. Mas elle é um homem em quem uma descoberta na vida (uma dessas descobertas como as que todos nós fazemos) se associa ao saber e a fecunda. O instante lealmente vivido determina a expressão verdadeira.

Entretanto, o meu caro Thérive bem o sabe e demais, e vós todos aqui o sabeis, os homens, se bem que a substancia do pensamento seja a mesma em todos, dirigem a si mesmos e a outrem palavras muito differentes, que transportam pesos muito deseguaes de realidade.

Dahi decorre que seria uma grande injustiça julgar os homens de pequena cultura pelo que elles dizem. Só os melhores escriptores conseguem dizer o que querem e só neiles a obra iguala a totalidade de um espirito. Em compensação, o homem inculto e, mais ainda, o homem semi-culto não sabem utilizar-se das palavras. A partir do momento em que se exprimem, calumniam-se. Dahi, em relação á

POEMA DA GRANDE VIAGEM

A Ivan Ribeiro

E quando eu voltar da pesca das esponjas e das perolas;
 e quando trazer do fundo do mar
 os buzios e as conchas, as medusas e os coraes;
 e quando eu trazer o albatroz e o pinguim afogados no mar,
 dá-los-ei á Amada.
 E depois que eu voltar da pesca das esponjas e das perolas,
 montarei no meu cão, que é um cão dinamarquez
 mais agil que os galgos de Artemis, e irei á Malasia.
 E levarei o meu elmo e os escudos, e a cimarra e o alfanje;
 e levarei uma cythara para dedilhar quando vier a nostalgia;
 e levarei um candelabro para accender no catafalco do rei da Malasia.
 E lá irei á caça dos groux e dos faisões;
 e subirei ao alto das ravenalas, e arrancarei todas as palmas
 para fazer um leque, e um broche, e um pente estranho
 para os cabellos verdes da amada.
 Passarei trinta dias comendo cogumelos;
 dormirei trinta noites debaixo dos baobás;
 e na madrugada do trigesimo primeiro dia
 assaltarei as synagogas e os pagodes.
 Terei visões de allucinado, avalanches, icebergs, terremotos,
 inundações, erupções, explosões;
 e soffrerei o suplicio chinéz. Soffrerei, soffrerei.
 E quando eu fugir e alcançar o deserto,
 o simun arrazará a caravana que vier da Malasia,
 e só eu conseguirei flutuar no cyclone, e ser sobrevivente.
 E perderei os sentidos e acordarei na Siberia,
 e verei que, mesmo dormindo, produzi uma prole numerosa.
 E de-novo dormirei noventa dias, na minha isba á beira da esteppe.
 E um caramujo então virá do antipoda,
 e roçará nos meus ouvidos, convidando para montar.
 E viajarei para o fim dos seculos.

RUY DE CARVALHO

massa, os desdens da elite ou de quem se julga tal.

Esse erro inhumano, ninguem aqui o abraça: é este, caros amigos, vosso titulo de honra. Com paciencia, com devotamento, com lucidez, sabeis inclinar-vos para os destinos mais ordinarios, sabeis tornal-os significativos, retirar delles o essencial de vossa arte. Sabeis que o artista não é senão uma das parcelas da ubiquidade humana. Sabeis que a intelligencia do Creador será incompleta se não fôr fraternal e secretamente movida, mesmo que ella se occulte de tudo, pelo amor, e pela bondade.

LUC DURTAIN.

STENDHAL

DO AMOR

Em Edição ARIEL

Preço: 15\$000

Sebastião Pagano — *O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Este volume põe em destaque, dentro de uma luz historica das mais fortes, os acontecimentos revolucionarios que tanto preocuparam os colonizadores luso, em vespers da nossa autonomia politica. O livro do sr. Sebastião Pagano, pela documentação e pela critica subtil, é em tudo digno de figurar na valiosa colleção Brasileira, onde tambem acabam de apparecer o primeiro tomo da *Historia de D. Pedro II*, do sr. Heitor Lyra, um habil reconstituidor da vida do Imperio; *As guerras dos Palmares*, do sr. Ernesto Ennes, que só se apresentou em publico depois de longas indagações pelas bibliothecas e archivos; o *D. Pedro II e o Conde de Gobineau*, onde são mais uma vez demonstradas a cultura e o dom de investigar que caracterizam o bello espirito de humanista do sr. Georges Raeders; os *Limites do Brasil*, do sr. Hildebrando Accioly, grande conhecedor da toda a entrosagem diplomatica do Brasil e demais paizes sul-americanos, e o *Dias Carneiro*, feliz evocação em que o sr. Alberto Pizarro Jacobina recorda uma figura de parlamentar e de homem de luca ainda não sufficientemente estudado pelos nossos biographos.

Acaba de apparecer:

DE

Donatello Grieco

A Vida

de

Napoleão

CONTADA PELOS LIVROS

Bibliographia Napoleonica

Ephemerides da vida de Napoleão

Depoimentos de Biographos e Contemporaneos

Volume broc. 6\$000

Edição da S. A. A Noite

Praça Mauá, 7

RIO DE JANEIRO

IN RIO ON THE OUVIDOR

A sra. Elizabeth Hanly Danforth viveu durante vinte annos no Brasil e quer bem á nossa terra como á sua propria terra. Espirito ductil, de apaixonada vocação pantheista, a sra. Danforth enamorou-se da paizagem brasileira e, desde ha muitos annos, vem procurando fixar, através de versos, em lingua ingleza, a physionomia da nossa natureza e da nossa gente, de fórma poderosa e cantante. Esses poemas da sra. Elizabeth Hanly Danforth vão apparecer, agora, em livro, nos Estados Unidos, com um excellente prefacio da conhecida romancista Kathleen Norris. O BOLETIM DE ARIEL tem o grande prazer de offerecer alguns poemas de In Rio on the Ouvidor aos seus leitores, annunciando igualmente o proximo apparecimento desse volume, em edição de luxo, com formosas photographias em que são focalizadas maravilhosas paizagens do Rio de Janeiro e de todo o Brasil.

IN RIO ON THE OUVIDOR

In Rio on the Ouvidor
The slim, brown-bellied newsboy run
And cry their wares sun to sun.
Full-mouthed, like questing hounds that track
Their quarry in, and out, and back,
They find, forsake, return once more.

In Rio on the Ouvidor,
Above a porter's swarthy face,
A basket-load of orchid flowers
In regal beauty sways and towers.
Carnations scent the sunny air.
And roses girt with maidenhair
Are lovely in a narrow space
Where marguerites in white and gold
That all the florists windows fill,
Our childhoods daisies clean and cold,
Chaste exiles of a northern spring,
Can in a sudden moment bring
New England meadows to Brazil.

In Rio on the Ouvidor
The pale, full-breasted women meet
And chatter softly in the street,
Aloof, exquisite, unaware
Of murmured words and ardent sighs,
Significant Brazilian eyes,
And the appraising, hostile stare
Of female tourists come ashore.

In Rio on the Ouvidor,
At four the coffee-shops are loud
With clamour from the milling crowd.
With restless hands and flashing eyes,
They plead, protest, and sympathize,
Incite, conspire, compromise.
A sweet is stale, a boy delays,
And all the house is eloquent;
Meantime a glance, a shrug, a phrase,
Condemns, perhaps, a president.

In Rio on the Ouvidor,
That little, narrow, crowded street,
The pulses of a nation beat.
And here, ere twilight when begins
The whispering of violins,
A tale is told, a song re-sung
Ancient when ancient Rome was young;
A pageant evermore the same
Wherever youth with ardent yes
Triumphant under any skies,
Goes by, as youth has gone before,
Its worship an eternal flame,
Its challenge like a flag unfurled
Down all the streets of all the world,
Its banner brave on every shore

Where youth and beauty come and go,
In Venice on the Rialto,
Down Broadway to the picture-show,
In Rio on the Ouvidor.

RIO AFTER RAIN

Oh love, this world!
The bold, gold sheen of it,
The mad, glad green of it,
My heart is an iridescent mote in a shaft of sunlight
[whirled.

The sweet mirth of it,
The dear, sheer worth of it,
My soul is a crystal bubble down a chasm of beauty
[hurled.

The keen, clean urge of it,
The low, slow, surge of it,
The flood of glory has drowned us both,
Oh love, this world!

COLOR

The turquoise tropic sky is all ablaze,
The sun is high and brassy in the noon,
The flame-trees tower scarlet through the haze
That shimmers upward from the hot lagoon.

But all the glory the acacias make,
All their flamboyant beauty is in vain
To one remembering a mountain lake,
October maples, and the hills of Maine.

Edição ARIEL

ESTUDOS AFRO - BASILEIROS

1.ª Série

12\$000

O SENTIMENTO DA POESIA

Ser poeta é desdobrar também, um pouco, o coração fibra por fibra. E' escrever com o *sangue* do sentimento. A poesia que não tem a faculdade de tocar a sensibilidade humana, poderá ser bella, mas será uma poesia sem alma, possuindo fôrma apenas, — assemelhando-se a u'a mulher linda, porém estúpida... A inspiração não é mais do que um momento ou momentos de sentir profundamente, quando a personalidade humana attinge as partes mais intimas do seu ego. Na poesia, mais do que em qualquer outra arte, é necessaria essa *tensão* da alma, essa sensibilidade capaz de apprehender os aspectos do Kosmos e dos seus pequenos nadas, afim de poder exprimir os sem deformação, embellezando-os tanto quanto possível. Dahi, talvez, o affirmar-se que os poetas já nascem feitos. Sim. Não lhes basta vir ao mundo com um ouvido apto a comprehender a musicalidade das palavras, os effeitos das rimas. Mister se faz que tenha uma emotividade capaz de sentir o Universo, a Vida; é imprescindível que elle saiba soffrer, chorar ou sorrir, gargarhar, na realidade, sem artificialidade, sem artificialidade, deixando ver as consequencias do mundo exterior sobre o seu mundo interior.

Os maiores poetas são aquelles que tiveram a sua alma bastante impressionavel, interpretando ora as bellezas da Vida, ora o soffrimento, as miserias do Homem. Grande é Homero escrevendo com emoção a Iliada e a Odisséa. E' Virgilio com a sua *Eneida*. E' Dante com a *Divina Comedia*. E' Milton, cego, dictando as paginas immortaes do *Paraiso Perdido*. E' Ed-

gar Allan Poe, bebado, mas genial. E' Goethe. E' Victor Hugo. E' Lamartine. E' Longfellow com os versos sentimentaes de Evangelina. E' Camões descrevendo a bravura da gente lusa. No Brasil, é Castro Alves, interpretando a alma soffredora dos escravos, em anceios de liberdade. Bilac, commovendo-se ante o Amor, e escrevendo os versos formosos da Via Lactea e Sarças de Fogo. Da Costa e Silva burilando estes dois sonetos modelares: Saudade e A Moenda. Coelho Neto mostrando as suas elevadas qualidades de poeta no soneto Ser Mãe. E' Augusto dos Anjos indo até o «transcendentalismo das moneras». E' Luiz Guimarães Junior, num arroubo de patriotismo, dando-nos Fóra da Barra. Menotti del Picchia burilando os poemas commovedores de Juca Mulato. E' Guilherme de Almeida dando-nos os modernos quatorzetos de «NÓS». E'

Catullo da Paixão Cearense, inflammando-se ante o perfume e ardencia das caboclas lá do Sertão e produzindo paginas impregnadas de grande lyrismo. E' Antonio Thomaz, observando a vida, sentindo-a e photographando-a em instantaneos felizes como O Palhaço, Contraste, Eva, Verso e Reverso, sonetos cheios de um tal ardor que o Poeta parece, ás vezes, esquecer a sua condição do sacerdote.

Todos esses cantores são animados pela chamma interior do sentimento, que encerra uma parcella do Espirito Divino. Sem alma, sem sentimento, sem dor ou alegria a poesia deixará de ser poesia, será um amontoado de palavras sonoras sem éco no coração humano, vivendo um pouco no nosso ouvido, porém se extinguindo logo, sem nos deixar a menor recordação.

JAYME SISNANDO.

Cinema

A secção cinematographica deste mez vae bem pobre. A producção manteve-se abundante como sempre. Não nos foi possível, contudo, passal-a em revista com o cuidado que ordinariamente empregamos em fazel-o. Com o interesse do cinema chocaram-se outros interesses que, infelizmente, lograram sobrepujal-o.

A grande illusão — Réalisation d'Art Cinematographique. — Direcção Raymond Blondy. — A presença de Stroheim num film é uma attracção irresistivel.

«The man we love to hate» impõe-se ao nosso espirito, força-nos até a sympathizar com o mal.

O assumpto da fuga de prisioneiros tem sido muito utilizados no cinema, ás vezes mesmo, com certa felicidade, como em «Prisioneiros» (Captured), que foi exhibido ha alguns annos e que foi uma boa pelicula.

«A grande illusão» apresenta um campo de concentração de prisioneiros.

Estuda bem o regimen rigoroso, a rotina, a vida diaria, as constantes

reuniões para receber ordens, os numerosos vexames a que são submettidos os que, embora escapando á morte nas trincheiras, não escaparam das mãos do inimigo.

O commando do alojamento de prisioneiros está situado num velho castello do seculo XII.

Os angulos empregados para descrever e apresentar o castello são magnificos, de enorme rendimento, revelando posse de uma technica pouco commum.

Muitas passagens enchem-nos de saudade dos bons tempos do cinema verdadeiro.

Por exemplo: a machina apresenta uma vasta peça onde se vê uma mesa. Sobre ella estão uma espada, um cinturão, esporas, uma pistola automatica, todo o sinistro instrumental de um official em guerra.

Apparece depois um automato, secco, mirrado, de oculos, todo desmanchado em gestos machinaes, batendo os calcanhares a todo o momento: é a ordenança do major commandante.

Por fim, a um canto, sentado á mesa de chá, o major — Erich von Stroheim. Um blasé, cheio de tics, de tregeitos, de esgares: um complexo de deformação profissional e de caprichos de nobreza. Uma figura inesquecivel. Grande muti-

CIGARROS

ASTORIA

MAÇO 800 RÉIS

TYPO. AMERICANO

CIA.

SOUZA CRUZ

PEREGRINAÇÃO

Leva-me contigo, amor, para onde fores...
Nada receies. Os meus pés, que os cardos da vida
já sangraram tanto,
nem sequer sentem mais a agudeza do espinho...
E ao lado dos teus
sentirão elles as dores do caminho?

Leva-me contigo!...
Dizes que ignoras ainda o teu destino!
Que importa onde tu fores?
O mundo viveu sempre a me empurrar
e o meu coração buscu debalde achar
um oasis para o seu descanso,
no deserto para onde tropego caminha
qual errante e cansado peregrino...
Que importa se ignoras ainda o teu destino?

Leva-me contigo!...
E se algum dia te faltar a agua — este maná divino,
estiveres extenuado de fadiga,
olhos amortecidos pela febre,
bocca resequida, cheia de amargor,
para que tens os meus labios, meu amor?

Leva-me contigo!...
E se o frio vier, entre doidos açoites
nas invernadas crueis de certas noites,
frio que faz a natureza toda
que affronta a terra e desafia espaços,
Amor, para que foram feitos os meus pobres braços?

Eu estando contigo o céu é a propria terra!...
Não sentirás frio ou sede, nem dores no caminho...
E se espinhos houver, pensaremos até
que pizamos em flores...
Leva-me contigo, Amor, para onde fores...

IVANNY RIBEIRO.

PHASES

I

E ella passou branca, muito branca
no seu ginete preto,
a cabelleira loura e os olhos negros,
muito negros
na sua carne alva,
parecendo espuma branca levada pelo vento,
ou uma canção esplendida da vida!

II

Estatua!
Meus olhos subiram dos teus pés
e construíram o teu corpo
numa imagem interior
que os meus sentidos acceitaram...

III

E foi marcada a passagem da princeza
no livro das legendas.
E o homem que tinha a serpente é a aguia
relembrou os trezentos reis
e os dez mil principes que se suicidaram,
com seus generaes e os seus exercitos
pelo seu olhar!

IV

E ella passou ao som de cymbalos
branca, muito branca
no seu caixão negro,
muito negro de onix.

V

E aquelle que decifrava as dôres do mundo,
chamou seu passaro e sua serpente
e lhes falou,
da angustia das bellezas ephemerass
e da consciencia immortal,
das verdades eternas!...

WILSON RODRIGUES.

lado de guerra — fractura da perna,
fractura da columna — tendo as
mais amargas opiniões sobre a vi-
da e sobre a utilidade da vida.

Optima sequencia, mórmente nos
tempos que correm.

Merecem ainda attenção a exe-
cução do plano de fuga, admiravel
estudo de angustia e a realização
daquella por Maréchal e Rosenthal.

O encontro com a camponeza al-
lemã é muito bom. A gente pensa
logo na theoria do *real absoluto*.
Aquella camponeza escapou segu-
ramente de algum quadro de mes-
tre da pintura allemão. Tem varios
seculos de idade. O penteado, o
vestido, o geito, a ingenuidade bo-
binha da physionomia, estão em
Dürer, em Holbein, em Cranach.

Em «A grande illusão» o que re-
salta logo é a atmospherá pesada,
espessa da guerra, é aquella tensão
angustiosa dos nervos, é a nervosi-
dade chegada ao absurdo, é aquella
humanidade separada apparente-
mente, mas profundamente appro-
ximada pela universalidade da dor.

AURELIO GOMES DE
OLIVEIRA.

Eloy Pontes — *A Vida Dramatica de
Euclides da Cunha* — Livraria José
Olympio — Rio.

Trata-se de um livro que vem de al-
tear o sr. Eloy Pontes á categoria de
biographo de primeira ordem. Grande
é o avanço deste volume sobre os ante-
riores, do mesmo critico, e muito reju-
bilamos com a victoria obtida pelo his-

toriador de uma das existencias mais
atormentadas que o Brasil já conheceu:
a de Euclides da Cunha. Do sr. Eloy
bem podemos dizer que encontrou afinal
seu assumpto. Documentação minudente,
sympathia pelo modelo, plasticidade de lin-
guagem, aversão ao autoritarismo das
conclusões, eis ahi os elementos que o
levaram a um triumpho não commum
em nossas lettras criticas, em nossas let-
tras biographicas. Recorde-se que, na
mesma collecção do «Documentos Bra-
sileiros», da Livraria José Olympio, vem
de surgir o *Garibaldi e a Guerra dos
Farrapos*, do sr. Lindolpho Collor, tra-
balho resultante de insistentes pesquisas
e de uma paixão innocultavel pelas tarefas
libertarias do heróe de Mentana e As-
promonte. Quanto ao *Diario* de André
Rebouças, continúa a ser lido por todos
aquelles que sabem existir no periodo
do fim do nosso Imperio e no começo
da nossa Republica uma boa porção de
recantos inexplorados.

POESIA DE VINICIUS DE MORAES

Poucas vezes, no Brasil, uma voz na poesia se elevou mais alto e eloquentemente do que a desse poeta de vinte e poucos annos que se chama Vinicius de Moraes. Pode-se lembrar a de outros, mas eu lembro apenas a daquelle immenso Castro Alves, cuja obra poetica não nos cansamos de reverenciar. E, por mais extranha que pareça a comparação, que vae, na verdade, um tanto despropositadamente, dado que lancei mão do nome de um poeta cuja poesia diverge bastante da de Vinicius de Moraes, ella se me afigura não de todo inocua. Pois, me refiro tão só á grandeza, á altitude, digamos assim, da poesia de ambos, grandeza e altitude equivalentes, como se pode verificar facilmente conhecendo-lhes a obra.

Ressaltemos aqui que a leitura attenta dos poemas que formam o grosso do primeiro livro de Vinicius de Moraes (*O Caminho para a Distancia*, 1933) levou a que o conhecido ensaista brasileiro (Octavio de Faria, *Dois Poetas*) dissesse que se tratava, o seu autor, de um poeta de possibilidades immensas, com as quaes o proprio sr. Augusto Frederico Schmidt (que é o outro poeta estudado preferentemente no livro) não estudava. E com razão sobrada, tanto mais posta em relevo depois da leitura que fez, ainda em originaes, o illustre autor de *Machiavel e o Brasil*, dos poemas de *Forma e Exegese*, que reputou aliás sem termo de comparação em toda a litteratura brasileira. Manoel Bandeira, tambem, com a autoridade que ninguem lhe pode honestamente negar, saudou-o com entusiasmo, dizendo se tratar de um grande poeta.

Poemas como «Ilha do Governador», «A Legião dos Cavalleiros de Urias», «A Volta da Mulher Morena», «O Bergantim da Aurora» e sobretudo «Alba» pode-se dizer que são insuperaveis. Esse ultimo começa num verso que não se esquece nunca:

«Alba, no canteiro dos lyrios estão
cahidas as petalas de uma rosa
cor de sangue»

para depois se estender longamente, maravilhosamente, em versos cem por cento bonitos, evocando-nos

uma historia cheia de symbolismo. No «Ilha do Governador», poema do mesmo modo de uma belleza inimitavel, o poeta nos falla dos pescadores esquecidos:

«Esse «ei-ou» que ficou nos meus
ouvidos são dos pescadores esquecidos

Elles vêm remando sob o peso de
grandes maguas

Vêm de longe e murmurando de-
sapparecem no escuro quieto».

e tambem da vida que passava:
«O barco que eu não via é a vida
passando».

Afinal o livro todo (*Forma e Exegese*) revela o poeta, que é, realmente, um creador de bellezas, a força d'elle, o mesmo poeta, sem duvida, que nos dá esses do mesmo modo bellissimos *Novos Poemas*,

que a Livraria José Olympio acaba de editar para a colleção «Documentos Vivos», que, assim, se auspicia interessantissima.

Fallar desse novo livro de Vinicius de Moraes é repetir os elogios acima. Dahi porque desejo dizer, apenas, do que elle significa como alguma coisa de novo no conjuncto da obra do poeta (que promete enriquecer com mais dois livros: *Cinco Elegias*, poesia, e *Episodio*, romance). E' que Vinicius de Moraes agora como que se filia (o que admira, a julgar pelas idéas defendidas a seu respeito pelo sr. Octavio de Faria no *Dois Poetas* directa e abertamente á orientação de Manoel Bandeira, a julgar tanto pela technica usada como, sobretudo, pela invocação que faz, no portico do livro, daquelle poema do autor de *Libertinagem*, com a transcripção do memoravel verso: «Todos os rythmos, sobretudo os innumeraveis», cujo character doutrinario e de definição mesmo de uma esthetica nova não é preciso salientar.

Ha nestes *Novos Poemas* algumas poesias que lembram francamente o autor de *Forma e Exegese* mas ha tambem outros («Aria para assovio», «Amor nos trez pavimentos», «Ballada para aria», «Tres retratos», «Lamento ouvido não sei onde» — muito parecido mesmo com Carlos Drummond, a quem é dedicado —, «Poema para todas as mulheres» e «O falso mendigo») que revelam uma face que diverge bastante daquelle, p. ex., da «Ilha do Governador», poema essa tambem que não nos esquecemos de admirar.

Todos os que gostam da melhor poesia e percebem o que seja isso de renovação e criação mesmo de formas poeticas não poderão deixar de gostar dos sonetos (principalmente o «de intimidade») que estão no livro, inclusive o que o poeta chama de «Soneto simples» e cujos versos, decasyllabicos, vêm dispostos como se fora prosa.

Mas não quero transcrever nada, nem mesmo aquelle maravilhoso, aquelle perturbador «O falso mendigo».

ANTONIO GIRÃO BARROSO

Acaba de apparecer

COSTUMES AFRICANOS

NO BRASIL

estudando, do ponto de vista científico,

- A raça africana e seus costumes na Bahia
- O colono preto como factor da civilização brasileira
- A arte culinaria na Bahia
- Notas de folcklore negro.

um livro de pesquisa e
observação directa

por

MANUEL QUIRINO

o famoso vanguardeiro de tantos estudos de
africanologia no Brasil.

Volume XV da "Biblioteca de
Divulgação Científica"

Preço: volume broch. 12\$000

Em todas as Livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua do Ouvidor, 94 — Rio de
Janeiro

NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

ALFREDO ELLIS (JUNIOR)	O Bandeirismo Paulista	12\$000
BAPTISTA PEREIRA	Vultos e episodios do Brasil	12\$000
ANIBAL BRUNO	Lingua Portuguesa — 2ª serie ginasial	8\$000
LUIZ CAVALHEIRO	Elementos de Estatistica	15\$000
GEORGES RAEDERS ET D. DE VILHENA MORAIS	Initiation à mon premier livre de français — 1º ano ginasial	6\$000
ALEXANDRE DUMAS	Memorias de um Medico — 15 volumes	180\$000
RAFAEL SABATINI	Scaramouche Fazedor de Reis	5\$000
RENATO SENECA FLEURY	Vamos ler? — Leituras intermediarias	3\$000
ALBERTO PIZARRO JACOBINA	Dias Carneiro — O conservador	8\$000
HIPERIDES ZANELLO	Aritmetica primaria	6\$000
LUIZ CAVALHEIRO E NICO- LAU ANGELINO	Sciencias fisicas e naturais — 2º ano ginasial	9\$000
FRANCISCO VENANCIO FILHO	Euclides da Cunha — A seus amigos	8\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL Sede: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife - Pernambuco
A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

OUVIDOR, 110
23-2389

JOLYMPIO

1.º MARÇO 13
23-2831

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE DEZEMBRO

Odete de Carvalho e Souza — KOMINTERN	10\$000
Lindolfo Collor — GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRA- POS — Coleção de Documentos Brasileiros N.º 14	25\$000
João Duarte Filho — O SERTÃO E O CENTRO	6\$000
Henrique Pongetti e Joracy Camargo — TEATRO DA CRIANÇA	10\$000
Cyro Costa — TERRA PROMETIDA — Obra postuma (Poesia)	7\$000
Cid Franco — A' PROCURA DE CRISTO — 2a. edição (Poesia)	8\$000
Antonio Paím Vieira (Versos de Rodrigues de Melo) — Um PAS- SEIO NA FLORESTA volume n.º 1 da BIBLIOTECA DA CRIANÇA BRASILEIRA, organizada pelo MINISTERIO DE EDUCAÇÃO E SAUDE	5\$000
Augusto de Almeida Filho, Anuar Fares e Vito Petangna — TRES MOMENTOS DE POESIA — edição de luxo	10\$000
Santa Rosa — O CIRCO — album ilustrado para criança	15\$000

NOVIDADES DE NOVEMBRO

Floy Pontes — A VIDA DRAMATICA DE EUCLIDES DA CUNHA — Coleção de Documentos Brasileiros N.º 13	20\$000
Lucia Miguel Pereira — AMANHECER — Romance	7\$000
Humberto de Campos — SOMBRAS QUE SOFREM — 7a. edição	6\$000
Gilka Machado — SUBLIMAÇÃO — Poesia	8\$000
Raul Bopp e José Jobim — SÓL & BANANA — Notas sobre a economia do Brasil	8\$000
J. G. de Araújo Jorge — AMO — Poesia	6\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

PAULO GUSTAVO

Se a minha vida fosse um lago 7\$000

BAPTISTA DE OLIVEIRA

A Mão e os nossos destinos 12\$000

GABRIEL PINTO DE ARRUDA

Im trecho do Oeste Brasileiro 20\$000

CARLOS MAUL

Sarmiento — Facundo 10\$000

Livraria Civilização Brasileira

MATRIZ
Rua do Ouvidor, 94
RIO DE JANEIRO

FILIAL
Rua 15 de Novembro, 144
SÃO PAULO

NOTA — A Matriz atende pedido pelo "Serviço de Reembolso Postal".

NOTICIA DE GASTÃO CRULS

O facto é que todos que se aproximam de Gastão Cruls não de experimentar um bem-estar proprio do homem cordial que sabe dar de si todos os requintes de gentileza. E por esta razão nunca poderão esquecer instantes marcados por um agudo sentido de affeição. A não ser a intelligencia, dizia Joseph Conrad, nada mais poderá prender um espirito. Isto não me parece certo. Prefiro ficar com o pensamento de Psichari: «no homem o que me interessa é o coração». A bondade sempre foi o grande anseio dos entes bem formados. Quem sabe cultivar-a terá cumprido certamente um dos mais humanos mandamentos desta vida. Cruls conta com a vantagem de reunir em torno a si um grupo de amigos que reconhecem o dom ineffavel — não perdem um momento os seus passos medidos e rectos.

Conheci-o ha muitos annos passados, ainda quando elle trabalhava como medico da prophylaxia federal na Parahyba do Norte. Se não me engano, fui vel-o uma noite em companhia de José Lins do Rego, dentro de um enorme casarão, cheirando a drogas — e onde então deparamos o escriptor de *Coivara* num quarto pequeno, com livros espalhados por toda parte. A rede estava armada como se fora de um bom filho do Nordeste. Gastão Cruls tratou logo de armar a sua rede. E quem sabe, dahi teria vindo aquelle outro livro que elle depois escreveu ao sahir da Parahyba, *Ao embalo da rede*. E' que o sujeito que tiver a sorte de se balançar e lêr e meditar dentro de uma rede, pode dizer que nunca mais terá feito coisa melhor, isto é: no sentido de commodidade aconchegada e como que feita exclusivamente para amortecer os animos do homem. Este parece ficar mais suave e comprehensivel quando se acha deitado numa rede feita pelas praieiras que residem na Bahia da Traição. Que o diga José Lins do Rego. No seu livro *Banguê* a gente apreheude um verdadeiro hymno áquella rede sempre armada no mesmo lugar e sempre prompta a acolher o heroe nas suas duvidas e agoniadas reflexões. Não fora a companheira de todas as horas e certamente o romancista não teria se sauido tão bem da situação creada pelos seus sentimentos constructivos. Pois fiquei sabendo que Gastão Cruls provou como mais ninguem o saboroso contacto e gostou tanto que deu titulo a um dos seus melhores livros.

O nosso encontro, naquella noite, naquella quarto abafado, com aquella rede armada, ficou-me para sempre fixado na memoria como que a marcar uma outra etapa na comprehensão do que é bondade, daquillo que os estoicos chamavam, em bom brasileiro, de «character». Elles achavam que esta palavra contém ainda tudo mais que forma a alma dos homens. Mas vamos deixar a philosophia intrincada dos antigos. O nosso assumpto é outro bem differente. A leitura de *Historia puxa Historia* é que motivou esse amontoado de palavras escriptas ao correr da machina. Não se diga que este artigo vem como imposições de amizade. Elle vem até muito retardado, pois fui eu

o primeiro que possuiu o primeiro exemplar e, talvez, aquelle que primeiro poudo ler o livro de Gastão. Escrevo-o pela necessidade de communicar-me com outras pessoas em conversa de impressões. Vamos deixar propriamente o romancista e procuremos entender o homem que escreve romances e contos com uma naturalidade que se poderia chamar displiciente. Realmente é este o verdadeiro termo applicavel. Chega mesmo a chamar a attenção o modo com que o escriptor põe em forma os casos sociaes escolhidos. Não aprecia a prosa que tenha a menor eiva do que chamam «brilho». Parece amar sentidamente a outra, a que escorre como um fio de agua natural, sahindo de rochedos, filtrada e por isto mesmo com um sabor de saúde e eternidade. A prosa assim atravessa victoriosamente o tempo, vencendo-o. Porque é chã, facil e accessivel, talvez por estes motivos seja mais difficil de construcção. Recordo-me agora de Antonio Torres quando escrevia aquelles artigos bolindo com as casas velhas da litteratura nacional, derrubando-as e muitas vezes fazendo rir, pois que, pondo de parte o seu ar desabusado

de moleque, era certo nas arrancadas e nos ditos de capoeiragem. E não se via uma palavra em alto-relevo. Era tudo notavel e tão simples que encantava. Que trabalho isto daria! Uma vez viu-o na Camara dos Deputados fazendo a revisão de um desses artigos. Passava a desaforo o que elle fazia: de tanta emenda outro artigo seria composto pelo pobre typographo do *Correio da Manhã*. Torres se acabava todo para expremper uma coisa que parecesse ao publico o mais simples possivel.

E deste modo deve ocorrer com os demais. Gastão Cruls talvez adopte o mesmo regime. O que elle escreve chega até a se pensar em noticia de jornal — que muita gente pensa que é coisa facil de fazer-se e no emtanto nada mais difficil. E' necessario que já se esteja especializado no mistér para poder expressar a verdade dos factos com a naturalidade exigida pelo jornalismo diario. Ha uma grande simplicidade de linguagem nos contos que li outro dia. E' ahi é que está, ao meu ver, o sentido de eternidade ou melhor: o espirito de ultrapassar e vencer os dias que correm. Nota-se igual traço em todos os livros de Gastão Cruls. A sua obra foi construida sob a mesma feição de singularidade na linguagem, embora nem sempre aborde themas simples e accessiveis. A sua condição de medico faz com que o escriptor soffra uma influencia por vezes exaggerada no que diz respeito a casos pathologicos os mais complicados. Todavia é um prazer acompanhá-lo nessas viagens através de mundos desconhecidos na ordem dos temperamentos doentes e já estudados pela sciencia. A mulher nunca deixa de aparecer no seu lugar reservado ao amor. Ha mesmo uma particularidade extraordinaria na preocupação de elevá-la em todos os degraus em que appareça na construcção do conto. A sua posição se destaca em todos os planos. Por vezes o contrario succede com o homem. Os typos normaes quasi que se somem do quotidiano. Os anormaes entretanto pullulam a todo e qualquer instante. As passagens são menos escabrosas que ineditas até certo ponto, pelo menos dentro da litteratura brasileira. A doença prepondera nos calculos do escriptor. Todos os outros motivos, inclusive o amor e a mulher, estão a serviço do medico, que não esquece que é medico. Mas o que escreve não é com a commum linguagem de medico. Diga-se de passagem, o nosso medico litterato difficilmente pode ser lido e tolerado nas suas historias contadas com um rebuçado de termos scientificos, altos e baixos violentos e, as mais das vezes, procurando no cemiterio da lingua as palavras mortas e que parecem mais almas do outro mundo. Com raras excepções, mas a verdade é que não se pode ler esse povo com o prazer que seria de desajar: homens ordinariamente cultos e intelligentes, viajados e que por isso mesmo deveriam ser mais humanos e communicativos.

A gente só sabe que Gastão Cruls é medico porque elle demonstra preferencia por themas clinicos. Só porisso.

Acaba de apparecer:

A Vida de Napoleão

contada pelos livros

DE

DONATELLO GRIECO

Preço 6\$000

Editora S. A. A NOITE

Praça Mauá, 7

RIO DE JANEIRO

Eça de Queiroz e o Seculo XIX

O grande movimento de sympathia, de affectuoso e superior interesse pela vida mental portugueza, que se está desenhando e mesmo triumphando já no Brasil litterario de hoje, encontra no recente livro de Vianna Moog *Eça de Queiroz e o Século XIX*, uma das suas mais altas e nobres expressões. Não é só — como disse José Lins do Rego, no banquete de homenagem offerecido no Rio de Janeiro a Vianna Moog, ha pouco mais de mez e meio — não é só a lliquidação dum «compromisso de honra», feito com gloria para Eça de Queiroz, dos actuaes escriptores brasileiros. E' mais alguma cousa, ainda: — é uma obra perfeita e profunda, seivosa de sensibilidade e de intelligencia, prodiga de ensinamentos e suggestões, através da qual a figura de Eça de Queiroz se ergue em plena, forte e palpitante nitidez, e em cujas paginas resuscita uma época singularmente criadora do genio nacional.

Trata-se apenas, duma biographia, pormenorizada e fiel, do romancista incomparavel, embora em materia biographica, nada exista entre nós que se lhe avantege ou sequer se lhe iguale? Não. Vianna Moog foi muito mais além, e justificou por inteiro o titulo escolhido para o seu volume. Evoca-nos, de tacto, o momento decisivo do nosso Seculo XIX, aquelle em que as lutas da Escola de Coimbra, o pensamento de Anthero e de Oliveira Martins, o lyrismo de João de Deus, a flamma épica e sarcastica de Junqueiro, a saude moral de Ramalho Ortigão, as conferencias do Casino, a febre constructiva de Teophilo, e a propria camaradagem elegante dos «Vencidos da Vida» rasgavam horizontes inéditos ás lettras e á arte de Portugal. Eça de Queiroz surge assim no ambiente que lhe pertence, e tão poderosamente ajudou a formar desde os tempos de estudante, alma sequiosa de belleza e de harmonia, dando, para conseguir e realizar uma e outra, todo o fervor da sua emoção, todo o entusiasmo da sua revolta, e todo o impeto da sua ternura.

Não escapa a Vianna Moog a mais leve e fugidia indicação que sirva a esclarecer a figura excepcional e a psychologia do autor de *Os Maias* e de *A Cidade e as Serras*.

Vianna Moog leu, estudou, interpretou a enorme summa de documentos que podiam ser uteis para o seu trabalho,

e delles soube extrahir a essencia intima e reveladora. Do Eça atheu e revolucionario de Coimbra ao Eça que morria serenamente na «graça de Deus»; do Eça ambicioso de publicidade ao Eça que soffria pela «afixação de cartazes» annunciando uma obra nova; do Eça não conformista ao Eça aparentemente conformista; do Eça escriptor e do Eça sentimental — offerece-nos Vianna Moog a imagem definitiva e completa existente na nossa e alheia linguagem. Imagem em que — reaparece no curioso factio, por tanta gente ainda não visto — os traços quasi não mudam da mocidade á velhice, inflectindo-se aqui, apagando-se ali, accentuando-se além, não obstante, seguindo sempre a direcção que se lhe adivinha ou prevê de inicio. A personalidade de Eça de Queiroz, que por vezes não se afigurara homogenea, una, integra, toma desta feita, aos olhos de todos, o seu verdadeiro aspecto de solidez e persistencia nos rumos que buscava, e nos objectivos que a orientavam. O que se julgou, por exemplo, desdem pela terra natal, sua terra no pamphletario da *Campanha Alegre das Farpas* ou no prestigiador dos Accacios e dos Pachecos, não provinha senão do arraigado amor á Patria que mais tarde se manifestava na *Illustre Casa dos Ramires* e em *Cidade e as Serras*. Anverso e reverso, a vida e a obra de Eça de Queiroz é toda de metal puro, e do mesmo brilhante e luminoso metal.

Não inspirasse mais de que esta consagração de Justiça, e já o livro de Vianna Moog valeria e suscitaria a maravilhada gratidão nossa. Mas é muito maior a sua importancia, muito maior o seu significado. Estudo sério e minucioso, que um estylo de seductora fragancia e de melodioso e exacto rythmo a cada passo realça, *Eça de Queiroz e o Seculo XIX* transcende os limites habituaes da critica e da biographia para um trazer esta cousa rara: — um companheiro, um amigo eterno, de presença, voz, e gesto persuasivos, que junto de nós aponta e illumina o caminho da perfeição.

JOÃO DE BARROS.

(Transcripto do «Primeiro de Janeiro», do Porto, Portugal).

No mais é damnadamente simples e tal como se fora um São Francisco escriptor andando pelas ruas do Rio de Janeiro.

Historia puxa Historia tem um conto que prende o leitor pela successividade de surpresas. Não é bem a feição particular do autor. Porém sahiu de um modo tamanho na construcção e desfecho que se julga marcar um ponto mais avançado ou melhor distanciado das preferencias communs do autor. O conto referido tem o nome de «Arrependimento». Um engenheiro enamora-se de uma jovem que viaja á Europa para fugir ao casamento. A familia queria evitar o enlace porque o doutor era mulato. Veiu então o consorcio da moça com um sujeito velho que não trouxe desgosto intimo. Lá um dia o engenheiro, sem saber, bate ás portas da casa de sua antiga namorada para pedir um pouso de horas, desde que se achava em serviço de campo. Surpresa optima. O marido estava ausente e o rapaz teve que demorar sem querer. A moça instava por que não fosse embora, esperasse. O engenheiro entrou em explicações sobre o passado e sentiu-se de tal forma fortalecido que abordou a senhora em coisas de sexo. Foi violentamente repellido. Horas depois, noite fria e de luz molle, que enorme fora o seu espanto: entra-lhe pelo quarto a dentro aquella que enchera os seus sonhos de juventude. Depois ficam tristes. Os arrependimentos se succedem e tornam o conto delicioso

porisso mesmo. Ninguem morre. Ninguem fica doente. A vida desta vez correu normalmente. Como seria interessante que o escriptor fizesse um livro de conformidade com os factos psychologicos tão do seu conhecimento de romancista, no genero de «Arrependimento», e sem preocupações clinicas, sem abusões que entorpecem. Mas de qualquer forma *Historia puxa Historia* agrada muito e tem um bom sabor num oceano de producções onde o conto infelizmente é ainda fruta rara. É que não attingiu ao setimo céu brasileiro em que vive o romance como obra não de poucos mas de collectividades emparelhadas numa vertiginosa corrida para a victoria.

ADEMAR VIDAL.

(Transcripto de «A União», da Parahyba do Norte).

Major Frederico Rondon — *Na Rondonia Occidental* — Comp. Editora Nacional — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Eis ahi um livro que resulta da observação directa dos factos. Nenhum accesso de mythomania, nenhum desejo de fazer litteratura inutil. Vastas regiões do Brasil são descriptas, numa attraente multiplicidade de aspectos, por quem as estudou com bastante amor, por quem procurou desentranhar de um tal estudo o maior numero possivel de ensinamentos para o resto do paiz.

Alvarus de Oliveira — *Rythmo do Seculo* — Brasilia Editora — Rio.

Escriptor venturoso o sr. Alvarus de Oliveira. Não lhe têm faltado elogios de alguns julgadores realmente autorizados da nossa producção litteraria. O Conde Affonso Celso enxergou no seu volume de estréa «vivacidade de forma, intrepidez de pensamento, arguta observação de scenas e costumes». Jair Silva assignalou a sinceridade do autor. Eduardo Frieiro acolheu-o como a um principiante dos mais sympathicos. E Pinheiro de Lemos proclamou-lhe a facilidade de elaborar, de conduzir a penna no papel. Qualidades estas robustecidas no novo volume do sr. Alvarus de Oliveira, *Rythmo do Seculo*. Lembremos aqui que esse joven romancista dirige a Bibliotheca de Obras e Autores Fluminenses, onde appareceram *Conspiração dos Busios*, narração historica do sr. Joaquim Laranjeira, talentoso reconstructor de scenarios e episodios do Brasil extincto, e o *Diccionario de Synonymos da Lingua Nacional*, de Aurelio Pinheiro, morto ainda ha pouco em plena possança creadora do espirito. Aurelio era igualmente autor do *Macão*, romance de costumes onde ha figuras magnificamente colhidas na mediocridade provinciana e onde pullulam os pormenores deliciosos, muito bem vistos sempre por um prosador que sabia converter a anecdotia em documento e nunca se deixou contaminar pelo horrendo vicio do exaggero.

Theatro

ERMETE ZACCONI, O CAMPEÃO DA MORTE

Para nós medicos, que já estamos habituados a ouvir iterativamente o cantochão da dôr humana em todas as suas manifestações, cada qual mais triste, mais lugubre, mais pungente; que corremos na mesma pista com a Morte, sentindo o seu halito frio, o sorriso ironico e ao cabo encaramol-a de frente com um riso de victoria, ás vezes, e não raro, quasi sempre nos quedamos vencidos e covardemente inclinando a cabeça deixamol-a partir com o que nos foi estudo, meditação, sacrificio, vigilia, luta, vida; para nós — soldados vencidos da Vida contra a sempre vencedora «funebre bacchante» — as mortes de Zacconi sobrepujaram a realidade da Morte! Se Zacconi, o grande tragico, é o interprete maximo da dor, do desespero, da desgraça, do odio, do ciume, da vingança, se é gesto que fala, a expressão que commove e horripila, o silencio-eloquente, é sobretudo o Campeão da Morte. Vel-o morrer tão realmente, tão scientificamente fazia o publico ficar estarecido e nos fazia temer pela sua vida. Aos 82 annos de idade «viver» aquellas mortes, entregar-se ás emoções mais violentas, morrer ora de uma apoplexia cerebral, ora envenenado pela strychnina u'a morte tragica de uma dramaticidade impressionante, ora tornar-se presa de crises convulsivas e todo o ritual symptomatologico da doença sagrada! Não tivemos ensejo de vel-o logo após uma dessas scenas tão reaes. Muito grande deve ser o seu auto-dominio para não soffrer com taes emoções. No Rio, de uma feita, no tempo de estudantes, assistiamos atrás do palco a *Cosca* cantada pela inesquecivel Claudia Muzio. No final, após o seu tragico suicidio, vimol-a sahir carregada com horrivel crise de dyspnéa, cyanotica, livida tal a grande e invencivel emoção que della se apoderara. Mas Claudia Muzio era mulher e sendo mulher, fragil e hyperemotiva. Zacconi é senhor das suas emoções, é senhor do seu corpo, diz «saber fazer os reflexos voluntarios e imitar os involuntarios» embora seja um ancião de arterias esclerosadas. Se não tivemos o ensejo de vel-o após uma scena real, perdemos a oportunidade de assistir seu exame medico. Certo dia, Zacconi chamou um medico para examinal-o. E por coincidencia o medico chamado foi um nosso tio, já seu conhecido da Europa e que viera do interior especialmente para assistir suas representações. Fomos avisados mas (existe sempre um «mas» nas grandes coisas) na hora marcada um affazer urgente nos impediu de comparecer. Sentimos immenso perder o exame clinico de Zacconi «vivo» depois de vel-o morrer tantas vezes.

Examinar aquelle homem extraordinario, sentir-lhe o pulso, cheio, rythmico, auscultar-lhe o coração, grande coração, fonte de toda sua arte, examinar-lhe os reflexos, os que elle sabe fazer e tambem os que sabe imitar, ver contrahir-se sua pupilla cheia de vida, admirar emfim a energia vital de tal especime raro seria para nós um acontecimento. Não se realizou.

As syndromes neurologicas, principalmente, são estudadas e realizadas por Zacconi com preciso rigor scientifico: as suas mais celebres mortes são neurologicas. Perfeito no ictus apoplectico, na hemiplegia, no coma com respiração de Cheyne Stokes, soberbo nas convulsões, na contractura, na tetania.

Depois de Zacconi, no futuro, quem quizer ter convulsões perfeitas no palco implore aos deuses da antiguidade o seu flagello ou use o methodo artificial de Von Meduna, de Vienna, que com injeção de Cardiazol na veia provoca crises convulsivas — verdadeiras crises epilepticas — para tratamento da esquizofrenia partindo de um antagonismo existente entre as manifestações esquizofrenicas e epilepticas. O Cardiazol substituirá Zacconi no futuro! Neurologicamente Zacconi é impar: não imita reflexos involuntarios, realiza-os, não imita syndromes neurologicas, vive-as, não finge morrer, morre sempre e passando a vida morrendo conseguiu, paradoxalmente, a gloria de viver.

Em *Pane Altrui* assistimos uma soberba morte de Zacconi de apoplexia cerebral, tal como a descrevem os classicos, «figura de livro» como dizemos nós. Parece sentir a violenta dôr de cabeça e ter ante os olhos a visão, como um raio, da classica barra de fogo. A vontade de falar é inaudita mas sua lingua está presa. Seus olhos e seus gestos falam ainda eloquentemente. Na face congesta, estampados o desespero e o horror de morrer. Mais uns passos imprecisos e tomba brutal e pesadamente (do lado hemiplegico). Em completa resolução muscular e inconsciente fica abandonado em decubito dorsal. Face vultosa, pallida, sem expressão, coberta de suor. Sua bocca entreaberta deixa escoar saliva pelas commissuras. Sua cabeça e seus olhos entreabertos estão voltados para o mesmo lado — «o doente olha sua lesão». Nos labios paralyzados a respiração faz a expressão classica: le malade fume la pipe. Seus membros estão inertes mas, de um lado, o relaxamento é maior — é o lado da hemiplegia. O quadro tetrico continúa ainda. Aos poucos a respiração toma um rythmo especial. E' a respiração de Cheyne Stokes. E' a agonia. E' o começo do fim. Zacconi agoniza e morre.

Em *Othelo* — o ciumento epileptico-suicida — pareceu-nos vel-o sentir, tal a sua expressão sublime, a aura psychica

de Kiriloff, nos *Possessos* na auto-confissão de um epileptico famoso — Dos-toiewsky: «Il y a de moments, et cela no dure que cinq ou six secondes de suite, ou vous sentez soudain la présence de l'harmonie éternelle. Ce phénomène n'est ni terrestre, ni céleste, mais c'est quelque chose que l'homme, sous son enveloppe terrestre, ne peut supporter. Il faut se transformer physiquement ou mourir. C'est un sentiment clair et indiscutable. Durant ces cinq secondes, je vis toute une existence humaine». Depois, a crise comicial: o grito, a queda, as contractões tonicas generalizadas, a cabeça voltada para trás as mandibulas cerradas, os membros hirtos. Sobrevêm as convulsões clonicas; os membros e a cabeça são violentamente sacudidos, movimentos rythmicos e bruscos agitam a face e os olhos, a bocca espuma («he foams at mouth...» Act IV). A respiração torna-se ruidosa. Mais umas convulsões e inerte passa para o somno com respiração estertorosa.

Na *Morte Civile* vimos a mais impressionante morte de Zacconi, o apogeu da sua arte inconfundivel. A' medida que a strychnina invade-lhe o organismo começam a apparecer os symptomas: angustia intensa com perturbação respiratoria, convulsões bruscas, contracturas tonicas, rigidez dos membros, opisthotono, trismus, espuma pelos labios. Dramatico e arrepiante vê-o no opisthotono e na tetania, dyspneico, com os olhos fóra das orbitas querendo falar á sua filha presente mas em vão. A constructura se intensifica. A paralyxia do diaphragma vae tirar-lhe a respiração, a vida. Mais umas convulsões e, cyanotico, morre de asphyxia — a mais dolorosa das mortes!

A platéa mais parece uma camara mortuaria. Não ha flores, velas ou corôas, mas ha emoção, tristeza, faces pallidas, lividas, ha lagrimas.

O publico de pé, aturdido, applaude-o com frenesi. Devia ajoelhar-se ante o grande morto.

EDMUNDO BLUNDI.

(Transcripto da «Folha da Manhã», de São Paulo, de 18-XII-1938).

Nota da Redacção — A recente temporada de Ermete Zacconi, no Rio de Janeiro e em São Paulo, graças á iniciativa do operoso empresario N. Viggiani, despertou funda repercussão nos melhores meios culturaes desses dois nucleos metropolitanos do paiz. O BOLETIM DE ARIEL traz para suas paginas, solicitando para isso a devida venia á *Folha da Manhã*, o esplendido artigo de Edmundo Blundi, para annunciar, ao mesmo tempo, as negociações entre aquelle empresario e o grande artista da tragedia, para uma volta de Zacconi ao Brasil, em breves mezes, com repertorio novo.

Castro Alves — *Obras Completas* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Mais uma formosa edição a evidenciar a perpetuidade da gloria de Castro Alves na admiração do nosso povo. Os commentarios do sr. Afranio Peixoto, sempre lucidos e oportunos, provam que o entusiasmo ainda pôde trazer maior riqueza de idéas a um critico bem dotado.

CIGARROS

SELMA

PONTA DE CORTIÇA

CARTEIRA 800 RÉIS

CIA.

SOUZA CRUZ

Musica

FRANCISCO MIGNONE

A Cultura Artistica realizou em 1938 um programa magnifico e variadissimo. Grandes mestres do piano, do violino e do canto desfilaram pelos dezenove sa-raus organizados no anno findo por essa associação que, depois de uma longa peleja judiciaria, acaba de ver reconhecido seu direito ao uso do nome com que foi fundada.

O encerramento dessa temporada proporcionou aos socios da Cultura uma noite inesquecivel. Nesse segundo concerto symphonico do anno a regencia foi entregue ao eminente Maestro Francisco Mignone, que incluiu entre as peças executadas duas de suas ultimas obras.

A orchestra do Municipal, em plena forma, offereceu uma perfeita Symphonia Pastoral, cuja perenne mocidade vale pela gloria inalteravel do gigante de Bonn.

Tambem tivemos a symphonia da «Semiramis» de Rossini, apresentada com grande vivacidade por alguém que já se assenhoreou de ha muito de todos os segredos da regencia de orchestra.

Não ha como negar que a maior attracção da noite consistia na primeira audição de duas das mais recentes obras de Francisco Mignone: a «Terceira Fantasia Brasileira», para piano e orchestra e o «Maracatú do Chico-Rei», bailado afro-brasileiro calcado num argumento historico de Mario de Andrade.

A Terceira Fantasia Brasileira, dedicada ao pianista Tomás Terán, contou com a presença desse vigoroso virtuose hespanhol, que executou uma partitura extremamente difficil, não só pela técnica pianistica que della se exigia, como ainda pelas difficuldades do corte rythmico da peça, concebida e realizada nos moldes rhapsodicos.

Mario de Andrade identificou, ahi, as explosões mysticas e sensuaes do ruidoso carnaval carioca, ao lado de temas de samba e feitiçaria; queixas de toada caipira e «mesmo leves grupos de terças, á maneira das nossas modas» que «adocçam o sol excessivo e a excessiva carnalidade negra dos cariocas».

«Num passo da primeira parte (remata o narrador de *Belazarte*), duma esplendida dinamica orchestral, o carnaval carioca se desenha. Francamente, é quasi photographia de tão verdadeiro. Francisco Mignone conseguiu ahi não apenas um poder suggestivo extraordinario, como uma das paginas mais bem succedidas da musica symphonica nacional. A Fantasia Brasileira não é apenas uma das obras mais significativas do seu autor, mas assume uma importancia inconfundivel na producção nacional.»

Quanto ao Maracatú do Chico-Rei, ha que reconhecer que o Brasil se enriquece decisivamente com a sua integração entre as nossas melhores peças de musica séria.

O argumento de Mario de Andrade, authenticico e pleno de intenções lyricas, narra o caso de uma tribu africana apri-

sionada em seu torrão natal e embarcada num navio negreiro para o Brasil.

Aqui chegados, esses negros tiveram o destino de todos os seus companheiros de captiveiro: foram vendidos como escravos em Minas Geraes.

Chico, o Rei da tribu, obtem carta de alforria á custa de seu proprio trabalho. Livre, prosegue na lucta e alcança tambem a alforria da esposa, a Rainha 'Nginga.

Os soberanos amavam o seu povo, as Mucambas, os Macotas — Ministros e o feiticeiro 'Nganga. A pouco e pouco os esforços do Chico-Rei e da Rainha 'Nginga foram libertando esses subditos. Livre, a tribu do Chico-Rei formou em Ouro Preto a irmandade do Rosario.

E a Egreja de Nossa Senhora do Rosario de Ouro Preto foi construida com o dinheiro do trabalho dos pretos.

Nos dias de festa, os africanos organizavam Maracatús e, aos bandos, em cortejo choreographico, chegavam até a Egreja, em cujo portico havia uma pia. Ahi as negras depositavam suas offerendas: enfeitavam as carapinhas com ouro em pó e lavavam a cabeça nessa pia, deixando nella o ouro que custearia a construcção do templo.

O Sr. Francisco Mignone pôz a sua technica magistral a serviço desse argumento verdadeiramente prodigioso. Ha nos trechos que compõem o seu bailado todos os gritos, todas as vozes mysteriosas de um drama sangrento e soturno em torno da liberdade. A alma negra, agrilhoada na apparencia, abria-se a todos os ventos da alegria nesses momentos de fé misturada de paganismo, de credices primitivas e de um catholicismo fetichista e singular.

A chegada do Maracatú é de um effeito surprehendente. Mesmo sem o auxilio dos córos e dos dansarinos, a orchestra é instrumento poderoso para descrever o grandioso momento inicial do bailado. Esse grandioso dissolve-se na ingenuidade, na vivacidade lyrica da dansa das Mucambas, moças pretas, as «moças gentis» de Castro Alves nas estrophes heroicas do «Navio Negreiro».

Mas os panoramas se succedem e se transformam. A dansa dos Ministros é tecida de rythmos irresistiveis. O espectador faz-se insensivelmente dansarino, entrega-se sem vacillação ás fontes puras e espontaneas do thema obsedante.

Depois da dansa do Chico-Rei e da Rainha Nginga e da dansa do Principe Samba-eb, o compositor altera o final da tradição historica, criando o contacto entre duas civilizações. O ouro deixado na pia servirá, não para construir a Egreja, mas para libertar seis negros da tribu que ainda permanecem escravos. O ouro é entregue pelo Chico-Rei aos Principes brancos, Sinhô Branco e Sinhá Branca.

E', então, com esse esplendido poder de adaptação que opera milagre nas composições do Sr. Mignone, que um parenthesis se abre entre os batuques, as melopéas barbaras e os contrastes dos *crepescendi*: é a Dansa dos Principes Brancos, uma Gavotta de palpitante frescor, de nitido character europeu, que multiplica a variedade do bailado como elemento repousante.

O fim chega: sobre as variações de dois compassos rythmicos o bailado termina com uma dansa geral, viva e fortemente, do mais alto valor symphonico.

O Maracatú do Chico-rei já havia sido representado, em grande estylo, com córos e bailados, no I. Congresso da Lingua Nacional Cantada realizado em São Paulo, no anno atrazado.

Foi igualmente gravado em disco pela Discothea do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, que inexplicavelmente não o poz em commercio, restringindo, de maneira lamentavel, a divulgacão que essa peça notabilissima merece por todos os titulos.

Mas a consagração verdadeira do Maracatú verificou-se na noite de 19 de Dezembro, na ultima «soirée» da Cultura Artistica do Rio de Janeiro, em 1938.

Deve o Sr. Francisco Mignone ter ficado satisfeito com as provas de comprehensão que lhe deu a parte intelligente da plateia — o que vale dizer, uma sensivel maioria. A frieza calculada e tendenciosa de uma meia duzia, de granfinos e *snoobs* não poderia, como não pode, prejudicar o triumpho espectacular dessa pagina impar da melhor musica brasileira.

D. G.

Um Grupo de Philologos — *Pequeno Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa* — Civilização Brasileira Rio.

Apesar da modestia com que se apresentou, este glossario póde considerar-se uma realização triumphante. Simples, sem alarido de grandes nomes que lhe ornassem a fachada, foi muito bem acolhido pelo publico e está em vespas de ter a sua edição exgottada. Mas tudo por que? Porque o Grupo de Philologos que o elaborou o fez com uma attenção e um rigor incommuns, attenção e rigor visiveis desde a enorme somma de vocabulos novos arrolados, e bem definidos sempre, até o cuidado da revisão typographica, á qual difficilmente haverá escapado a minima gralha, o mais ligeiro dos cochilos. Alegria-nos, já agora, a existencia de um diccionario dessa natureza, onde os leitores patricios se orientarão em innumerous brasileirismos frequentes nos nossos poetas e prosadores de maior talento, mas perfeitamente desdenhados pelos organizadores de vocabularios dos dois lados do Atlantico.

CIGARROS

ASCOT

CARTEIRA 800 RÉIS

CIA.

SOUZA CRUZ

A NOIVA

Após um dia de trabalho intenso, consumido no manuseio de velhos volumes adquiridos nos alfarrabistas para uma obra de erudição, o poeta Silvestre de Moraes vira desabrochar nas alturas, através da janella aberta as primeiras estrellas daquela pesada noite de verão. Fóra, no jardim, as arvores repousavam, immoveis, como se rezassem, mudas, preparando-se para adormecer. De espaço a espaço, um morcego cortava com a lamina da aza o manto espesso da noite, como um pequenino aeroplano sinistro que se exercitasse, rapido, em fumambulesco vôos de fantasia.

Com os dedos da mão esquerda mergulhados nos cabellos revoltos, o poeta lia, debruçado sobre o volume, á luz da lampada suavemente velada, aquellas historias de fogo e de sangue, quando, de repente, os seus olhos se contraíram deante de uma surpresa. Abaixou mais a cabeça, escancarou mais o livro, e viu: entre as duas paginas abertas, fulgia, como um risco de ouro, fio de cabello, brilhante, fino, quasi imperceptivel. Encantado com a descoberta, o sonhador arrancou-o com a ponta de um alfinete, do esconderijo em que o tempo o sepultara, estendeu-o, cuidadoso, ao comprido da pagina lida, e quedou-se a olhar aquella restea de luz crystallizada, admirando-lhe a maciez, o brilho, a delicadeza.

— De onde teria vindo aquelle mysterioso raio de sol? Como teria caído ali, entre as paginas daquelle volume de tragedias? Que cabeça feminina se teria curvado sobre aquellas folhas tenebrosas que reviviam, passados tantos seculos, os mais terriveis dramas de amor?

Meditava assim o poeta, com os olhos fitos no faiscante fio de ouro, quando as suas palpebras se cerraram, tocadas pelas mãos invisiveis do somno. E, como sempre, acontece aos que sonham sem dormir, o sonho continuou, no somno, o encanto da realidade.

De olhos fechados, Silvestre de Moraes continuava, por isso, a vêr, como se os tivesse abertos, o dourado fio de seda. Olhava-o e, não sabe como, via-o, aos poucos, crescer, desdobrar-se, multiplicar-se. Intrigado, fitou melhor o raiozinho

fulgurante, e recuou, com espanto. Agora não era mais o livro, o que via: em logar da pagina amarellecida, o que lhe apparecia, cortado pelo cabello de ouro, era um rosto feminino muito pallido, muito triste, macerado, como o das monjas. Attentou melhor, e viu, mais detidamente: deante delle, olhos em lagrimas, cabellos de ouro esparsos pela fronte humida, havia uma mulher, joven e linda, que lhe pedia, as mãos estendidas:

— Meu senhor, eu venho buscar, comvosco, a salvação da minh'alma. Ha dois seculos espero, anciosa, esta hora, este momento, o volver desta pagina, de que dependeu, até hoje, a minha felicidade. O meu destino está, neste instante, nas vossas mãos. E, por Deus, sede generoso!

Attonito, maravilhado, sem comprehender aquella apparição subitanea, Silvestre, olhava com a interrogação nas pupillas, a visão dolorosa, como a pedir-lhe, em silencio, a explicação do mysterio. Faces em lagrimas, olhos supplices, a moça adivinhou a sua inquietação, porque, de prompto, lhe explicou, estendendo para elle, como dois lyrios de oratorio, as mãos pequeninas e pallidas:

Tende piedade do meu infortunio, meu senhor! Para que servirá, tão humilde, entre os vossos dedos, esse fio de cabello? Dae-m-o, pois que me dareis, com elle, a minha salvação!

Insensibilizado pela surpresa, e, não menos pela graça triste daquelle afflicção infantil, o poeta quedou-se, immovel, sem uma palavra

de recusa ou de assentimento. E foi deante da sua sensibilidade que a visão maravilhosa lhe contou, sem conter as lagrimas nem recolher as mãos de petala murcha, a historia de sua infelicidade e o segredo da sua angustia.

— Eu sou uma noiva que paga, meu senhor, num castigo que se eterniza, o tributo da sua ventura passageira. Meu noivo era um poeta, como vós. Um dia, liamos, os dois, como Paolo e Francesca, o livro que tendes em mão, quando um fio do meu cabello vôou, indiscreto, e pousou nos seus dedos. Galanteador e apaixonado, elle o levou aos labios, beijou-o, e como nos chamassem do jardim onde liamos á claridade do crepusculo, elle marcou, com o fio imprudente, a pagina do livro que nos encantava. No dia seguinte, porém, meu noivo adoeceu, e morreu, sem que eu o visse. Amendrontados com a sua morte repentina, os seus parentes dispersaram os seus moveis, as suas roupas, os seus livros, distribuindo-os pelos pobres. E, entre os volumes atirados ao oceano do mundo, foi esse que se acha, hoje, em vosso poder.

— Continúa... continúa... — pediu o poeta, pallido, com tremores nas mãos tateantes.

— Annos depois, — prosseguiu a visão, nervosa, afflicta, precipitando as palavras; — annos depois, eu, por minha vez, morri e fui, pelos anjos, levada á presença de Deus misericordioso. Era pura e havia, na terra, espalhado pelos humildes, pelos simples, pelos pobres, as flores do meu coração. O Senhor fitou-me, porém, severo, e perguntou onde estava um dos fios do meu cabello. E como lhe contasse como o perdera, elle me fulminou com a sentença terrivel: eu só entraria na mansão do eterno repouso, da perfeita bemaventurança, no dia em que voltasse com o fio desaparecido; porque, nenhuma virgem é digna de viver entre os anjos, gozando as doçuras do paraíso, tendo deixado nas mãos de um homem um fio, que seja, do seu cabello!

— E porque não te apoderaste delle ha mais tempo? — indagou, mais tranquillo, o poeta.

— Não foi possivel, meu senhor.

CIGARROS

ELMO

TYPO AMERICANO

MAÇO 800 RÉIS

CIA.

SOUZA CRUZ

Ha duzentos annos, quase, eu acompanho a marcha deste livro. Durante oitenta annos fiquei a seu lado, em uma bibliotheca, esperando que alguém o pedisse, o abrisse, libertando o fio do meu cabello. Ninguem o pediu, ninguem o abriu, ninguem o leu. Atravessei com elle o mar. Vi-o em varias mãos, sem que alguém, entretanto, folheasse a pagina de que dependia o meu destino. Sois vós o primeiro. Se, pois, recusardes o que vos supplico, morrerá, para mim, a ultima esperanza de paz e libertação!

E torcendo as mãosinhas murchas, pallidas, como duas flores de cera:

— Tende piedade, meu senhor! Dae-me o fio do meu cabello!

Commovido, abalado pelo espectáculo daquella angustia, Silvestre estendeu-lhe, na ponta dos dedos, o raiozito de sol pedido com tanta soffreguidão, com tanta doçura, com tanta insistencia, pela visão dolorida.

— Toma-o. Leva-o... — disse, entregando-lho.

Com o vento fresco da madrugada, o poeta acordou. Olhou o livro aberto, sobre o qual pousava, ainda, espalmada, a sua mão emmagrecida. Procurou o fio de ouro, que vira marcando a pagina antes de adormecer. Não o encontrou.

O vento, com certeza, o havia levado...

HUMBERTO DE CAMPOS

(De *O Monstro e outros contos*).

A. Labriola — *Socrates* — Comp. Brasil Editora — Rio.

Excellente idéa a da Comp. Brasil Editora ao consagrar uma das suas collecções ao estudo dos grandes philosophos e á divulgação de obras classicas ainda não muito familiares ao publico brasileiro. *Socrates* é, no momento, explicado pelo illustre pensador italiano A. Labriola, a quem não é estranho nenhum detalhe suggestivo da immensa cultura grega. G. Mazzini, admiravel figura de ideologo, um dos visionarios dos Estados Unidos do Mundo, torna a actualizar-se em nosso interesse através dos nobres ensinamentos do volume intitulado *Deveres do Homem*. As *Maximas e Reflexões*, da La Rochefoucauld, trazem-nos uma nota bem diversa: a do scepticismo deante de todas as acções heroicas ou santas. Emquanto isto, Chateaubriand conta-nos o caso de *Atala*, na mais rica das pinturas psychologicas, e Cyrano de Bergerac, não obstante a passagem dos seculos, consegue divertir-nos com a sua sempre adoravel *Viagem Comica na Lua*.

Artes Plasticas

Exposição Julio Senna

A Associação dos Artistas Brasileiros offereceu-nos, em principios de dezembro, a primeira exposição de desenhos do joven artista Julio Senna.

Essa demonstração inicial constou de trinta e tres peças de varios generos e de estylos oppostos — aguarellas, *portraits-charges*, caricaturas, esboços a carvão — mas onde, em cada centimetro de papel, ha a revelação do traço incisivo de um artista de raça.

O sr. Julio Senna saiu ha pouco da casa dos vinte annos. Sua vocação de desenhista desabrochou ainda nos bancos da escola secundaria, num interior pacato, onde as lições do primeiro mestre de artes plasticas marcaram os caminhos intellectuaes do adolescente.

O sr. Senna veiu para o Rio de Janeiro, onde encontrou o panorama desorientador das grandes capitales. Seu espirito se chocou com a barafunda das diversas correntes. Mas não se deixou contaminar nem pelas pannelinhas nem pelos exaggeros das escolas. Raciocinou com equilibrio e resolveu aperfeiçoar os seus meios de technica no convivio dos bons mestres. Ingressou na Escola de Bellas Artes, sem ouvir os mãos conselhos dos inimigos desse instituto universitario, inimigos que compõem outro instituto de proporções reduzidas e ainda mais odioso que aquelle outro, depositario das linhas classicas dos methodos tradicionaes.

Depois de muitos annos de estudo, Julio Senna nos dá a sua primeira exposição. Verifica-se, de inicio, que o artista nada perdeu em aprender desenho na Escola de Bellas Artes: o alumno honra os mestres.

E' que, no seu caso, como em todos os casos que preoccupam os criticos, a personalidade do artista vale mais que tudo.

Não ha, em justa medida, quem possa baptisar a arte do sr. Senna de accordo com os moldes de classificação em vigor. Antes de ser impressionista, modernista, decadentista ou o que mais quizerem, a exposição Julio Senna é muito Julio Senna. O artista venceu as barreiras que pesam sobre o lapis e o pincel e deixou trabalhar apenas a sua livre vocação. O resultado não poderia ter sido melhor.

«Circo» compõe um painel de aspecto delicioso, onde os trapezios de facto se movimentam e onde os palhaços occultam, como na fabula, sob a mascara salpicada de alvaiade, o peso de alguma irremediavel tragedia.

Dos retratos, são esplendidas os da Sra. Lucila Barroso Amaral, Gabriella Besanzoni Lage e Maria Margarida.

Das caricaturas de artistas de cinema, algumas foram prejudicadas pelas limitações impostas ao lapis por qualquer equação philosophica involuntariamente armada no cerebro do desenhista: a Greta Garbo de busto desnudo vale mais que a Greta Garbo que abraça um bule de chá; os traços de Claudette Colbert não nos recordam a figurinha maliciosa

da actriz de «Aconteceu naquella noite»; o Maurice Chevalier não convence, mas a mancha vermelha de Katharine Hepburn salvaria, por si só, qualquer exposição.

Nos paineis e nos cartazes é que se firma o character do novo artista: Ruth e Francis, Shanda Kali, «Yes, nós temos bananas» indicam a graça, o encanto novo com que o sr. Julio Senna anima as suas figurinhas de espectáculo num diminuto e ingrato rectangulo de papel branco.

A exposição Julio Senna mostra os trabalhos de um artista de indiscutivel talento, destinado a vencer rapidamente entre os seus pares, graças ao carinho com que se dedica ao trabalho, sem esquecer jámais que o estudo permanente e o contacto ininterrupto com as obras dos grandes mestres significam a melhor das garantias de triumpho.

D. G.

Joaquim Manso — *A Consciencia nua e abandonada* — Livraria Bertrand — Lisboa.

Esse escriptor portuguez é hoje um dos primeiros ensaistas da sua terra. Tanto quanto um patricio de Aquilino Ribeiro, afigura-se-nos um patricio virtual dos Lemaitre, dos Weiss, dos Deschamps. Escreve como um francez subtilissimo, desses que tudo amam por que tudo comprehendem. Apenas mostra um certo horror pelos excessivos, pelos truculentos, e procura domesticar-os, trazel-os o mais possivel á boa sociabilidade litteraria. Lendo muito, lendo tudo, sendo um «book-worm» ás direitas, não faz alarde de erudição exhibicionista e é dos que citam pouco exactamente porque sabem muito. Universalista, sem contundentes preconceitos de fiscal de fronteiras, tanto entende os lusos como os estrangeiros da arte, e de uns e outros procura extrahir o exacto traço definidor, que essa afinal é a função de um degustador de livros que se preza. Suas paginas sobre Anthero de Quental merecem ser lidas mesmo depois de se haver percorrido o estudo hagiographico do Eça sobre o genio e o apostolo das *Odes Modernas*.

Manoel Bandeira — *Anthologia dos poetas brasileiros* — Ministerio da Educação — Rio.

Este florilegio é consagrado á phase parnasiana da nossa poesia. O sr. Manoel Bandeira, que seria grande nome no lyrismo brasileiro de qualquer tempo, elaborou este volume com o gosto intelligentissimo que é um dos seus dons mais impressionantes. Affinidades de artista e uma cultura que não se envergonha de ir aos detalhes mais infimos, eis os elementos que o habilitaram a um trabalho de pesquisa e coordenação que outros poetas desdenhariam. Guardar na estante a anthologia do sr. Bandeira é reter, para quaesquer trabalhos futuros, um documento de primeira ordem. Apenas lamentamos, na recolta, a ausencia de alguns versos de Mucio Teixeira.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Lindolpho Collor — GARIBALDI E A GUERRA DOS FAR-RAPOS — Collecção «Documentos Brasileiros» — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Raymundo Moraes — O HOMEM DO PACOVAL — Editora Companhia Melhoramentos de São Paulo.
- Menotti del Picchia — KUMMUNKA' — Romance — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- J. Pinto Antunes — A PHILOSOPHIA DA ORDEM NOVA — A Questão Social e a sua solução — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Heitor Lyra — HISTORIA DE D. PEDRO II — Tomo I: Ascensão — Collecção «Brasiliiana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- O. de Carvalho e Souza — KOMINTERN — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- Georges Raeders — D. PEDRO II E O CONDE DE GOBI-NEAU — Correspondencia inédita — Collecção «Brasiliiana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Hildebrando Accioly — LIMITES DO BRASIL — A FRONTEIRA COM O PARAGUAY — Collecção «Brasiliiana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Alberto Ostria Gutierrez — LA DOCTRINA DEL NO-RECO-NOCIMIENTO DE LA CONQUISTA EN AMERICA — Rio de Janeiro.
- Joaquim Manso — PRIMAVERA DA LENDA — Editorial Attica — Lisboa.
- Joaquim Manso — A CONSCIENCIA NUA E ABANDONADA — Editora Livraria Bertrand — Lisboa.
- Charles Seignobos — HISTORIA SINCERA DA FRANÇA — Bibliotheca do Espirito Moderno — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Visconde de Taunay — PEDRO II — Segunda edição — Collecção «Brasiliiana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- A. Ferreira Filho — COOPERATIVISMO NOS INSTITUTOS DE PREVIDENCIA SOCIAL — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
- Humberto de Campos — SOMBRAS QUE SOFFREM — 7a. edição — Livraria José Olympio Editora — Rio.
- A. J. de Sampaio — PHYTOGEOGRAPHIA DO BRASIL — 2a. edição — Collecção «Brasiliiana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Gustavo Barroso — HISTORIA MILITAR DO BRASIL — 2a. edição — Collecção «Brasiliiana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Gustavo Barroso — HISTORIA SECRETA DO BRASIL — 3º volume — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
- Thomas Rourke — GOMEZ, TYRANNO DOS ANDES — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- A. Labriola — SOCRATES — Companhia Brasil Editora — Rio.
- G. Mazzini — DEVERES DO HOMEM — Companhia Brasil Editora — Rio.
- LaRocheffoucauld — MAXIMAS E REFLEXÕES — Companhia Brasil Editora — Rio.
- Chateaubriand — ATALA — Companhia Brasil Editora — Rio.
- Cyrano de Bergerac — VIAGEM COMICA A' LUA — Companhia Brasil Editora — Rio.
- Henri de Lantueil — TUPAN — Versos — Rio.
- Fannie Hurst — A ESQUINA DO PECCADO — 2a. edição — Bibliotheca da Mulher Moderna — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
- Alexandre Dumas — OS QUARENTA E CINCO — Collecção SIP — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
- Guy Wirta — NINA ROSA — Collecção das Moças — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Antonio Feliciano de Castilho — AS GEORGICAS DE VIRGILIO — Prefacio e notas de Othoniel Motta — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Anton Zischka — A ITALIA NO MUNDO — Livraria do Globo — Porto Alegre.
- Edgard Wallace — O CASO DA DAMA APAVORADA — Livraria do Globo — Porto Alegre.

Nina Salvi — *O Tesouro da Ilha* — Comp. Melhoramentos de S. Paulo.

A autora deste livro obteve menção honrosa no concurso de litteratura infantil promovido pelo Ministerio da Educação e Saude Publica. Trata-se de galardão dos mais expressivos, tanto mais quanto fazia parte da commissão que a distinguiu a illustre escriptora Maria Eugenia Celso, uma das glorias do Brasil feminino. Evidentemente a sra. Nina Salvi sabe narrar com simplicidade. Sem que nunca se despenhe no banal, tece as suas historias com bastante engenho e mostra uma indiscutivel ternura pelas creanças. Tambem apresenta ella *O Milho de Ouro*, onde sensibilidade e imaginação conseguem equilibrar-se, sem damno reciproco. Num e noutro volume a sra. Nina Salvi — é um nome a reter — impõe-se como cultora primorosa do genero. E como estamos nas festas de Anno Bom, convém recordar que a Companhia Melhoramentos de S. Paulo editou outros dois livros de narrações para garotos, ambos muito bem confeccionados graphicamente e com illustrações das mais suggestivas: *Coelho Sabido*, de Franklin de Salles, e *Parque de Diversões*, de F. Acquarone.

Ivan Monteiro de Barros Lins — *Thomas Morus e a Utopia* — Rio.

O caloroso prefacio do nosso collaborador Miguel Osorio de Almeida exprime com bastante nitidez o que representa a actividade intellectual do sr. Ivan Monteiro de Barros Lins no Brasil de hoje. Cultura, operosidade e coragem são as tres forças essenciaes do nobre espirito que tão bem tem sabido exaltar entre nós a memoria de Lope da Vega e a obra do grande humanista christão que foi Thomas Morus. Ninguem entre nós falara ainda com tanta minudencia e tanta lucidez do genial dramaturgo hespanhol e do inglez que anteviu muitos e muitos dos problemas nucleares da politica do nosso tempo. Foi bom que o sr. Ivan Monteiro de Barros Lins depuzesse assim pelo Brasil que sente e pensa nas festas com que o mundo celebrou aquelles dois homens de genio.

J. Pinto Antunes — *A Philosophia da Ordem Nova* — Livraria José Olympio — Rio.

«A questão social e a sua solução», eis o thema central deste livro do sr. J. Pinto Antunes. Não é o escriptor um estreatante e um seu volume anterior, intitulado *Raciocracia*, foi elogiado pelo *Boletim de Ariel* e mereceu louvores dos mais significativos do Cardeal D. Leme e dos professores Waldemar Ferreira e Agamemnon Magalhães. «A formação philosophica do autor», bem como o seu estylo original «a serviço de um espirito realista no bom sentido da palavra», foram, com muito carinho, postos em relevo pela mais alta autoridade da Igreja no Brasil.

O mais moderno Livro de Cozinha

MARIA DE LOURDES

ARTE DE COZINHAR

(Petiscos e Petisqueiras)

1350 Receitas Diversas

A' venda em todas as livrarias do Brasil

Volume Cartonado: 14\$000

PEDIDOS A

Civilização Brasileira S/A

Rua do Ouvidor, 94

RIO DE JANEIRO

SEQUANA

O MELHOR LIVRO
FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista*, director da *Revue Française du Brasil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X — Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à:

ARIEL, EDITORA LTDA. — Senador Dantas, 40 - 5.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

declare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA.

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat-postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registo correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são minimas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. esdique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

À ARIEL EDITORA, LTDA.

Rua Senador Dantas, 40-5.º andar — RIO DE JANEIRO

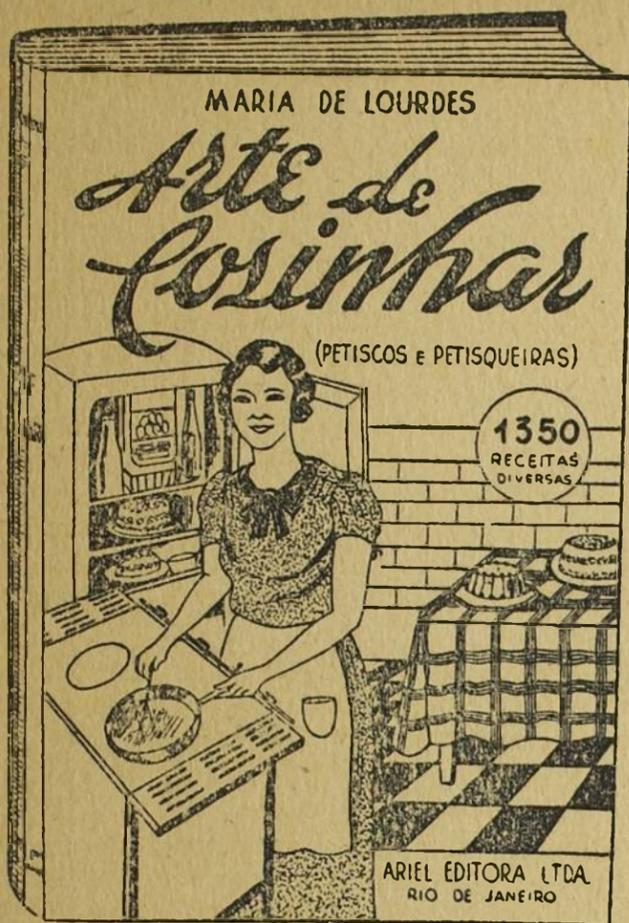
Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....
.....
.....
.....
.....

(Nome e endereço completo, bem legiveis)

.....
.....
.....

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Mólhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas	Refrescos	Cremes
	Sundays	Molhos para cremes
Peixes	Sorvetes	Docinhos diversos
Mariscos	Aperitivos	Brôas
Crustaceos	Cooktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
Carnes	Toddys	Bolachas
Caças	Egg-Noggs	Rosquinhas
Aves	Fizzes	Etc. Etc. Etc.

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarios explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessôa em sua casa, fazer doces, biscoitos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Volume cartonado 14\$000

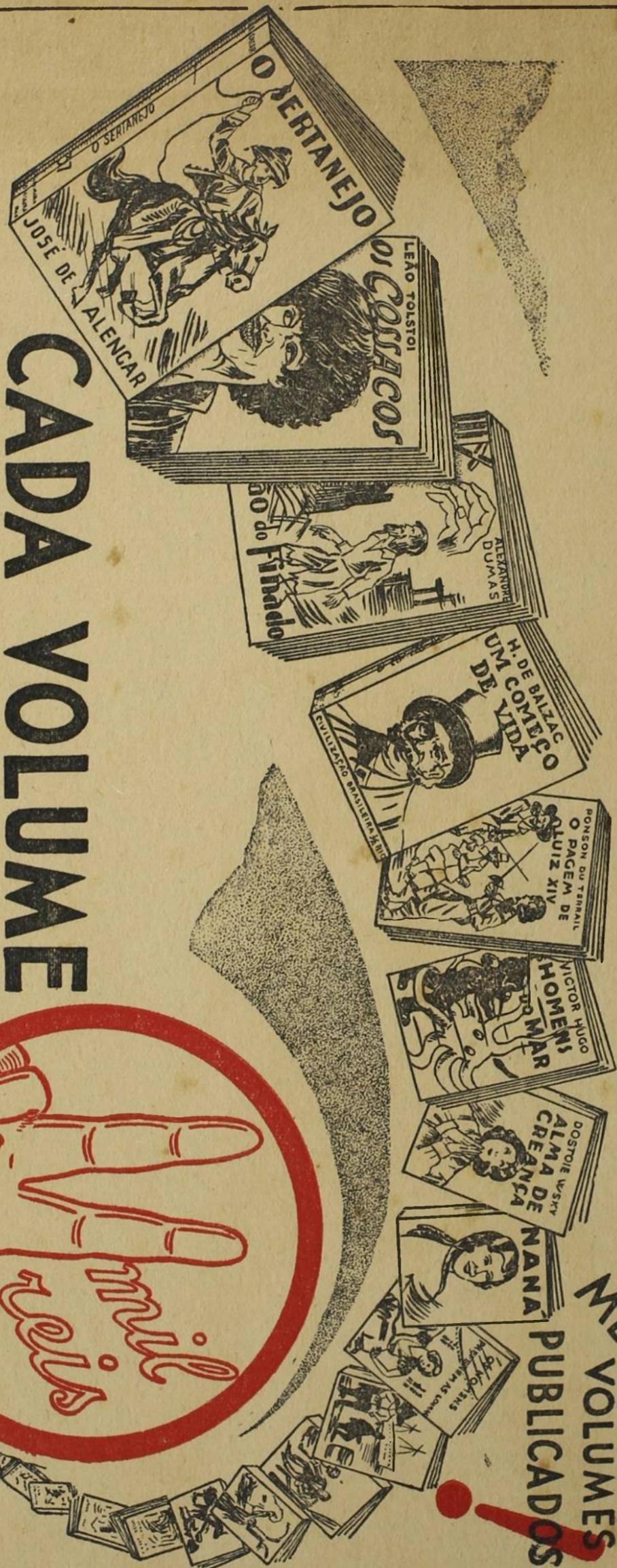
PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A

Rua do Ouvidor n.º 94 – Rio de Janeiro

COLEÇÃO "SIP"

MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162-RIO